



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO, CULTURA E TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS
-PPGESA-**

GERALDO CORREIA PONTES

**DANÇA E CAMPO EDUCACIONAL:
UMA HISTÓRIA CONSTRUÍDA NO SEMIÁRIDO BAIANO**

**JUAZEIRO-BA
2022**



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO, CULTURA E TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS
-PPGESA-



GERALDO CORREIA PONTES

DANÇA E CAMPO EDUCACIONAL:
UMA HISTÓRIA CONSTRUÍDA NO SEMIÁRIDO BAIANO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos– PPGESA do Departamento de Ciências Humanas – Campus III, Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos.

Linha de Pesquisa: Campo Educacional. Currículo.
Cultura escolar.

Orientador: Profº Dr. Josenilton Nunes Vieira

JUAZEIRO-BA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
por Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

P814d Pontes, Geraldo Correia

Dança e campo educacional: uma história construída no semiárido baiano /
Geraldo Correia Pontes. Juazeiro-BA, 2022.
91 fls.: il.

Orientador: Prof. Dr. Josenilton Nunes Vieira.

Inclui Referências.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Educação,
Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA, Campus III. 2021.

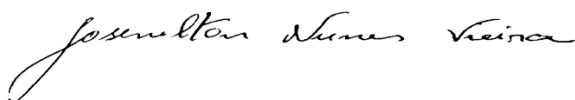
1. Dança – Estudo e ensino. 2. Escola de dança. 3. Campo educacional.
4. Semiárido - Dança. I. Vieira, Josenilton Nunes. II. Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Ciências Humanas – DCH-III. III. Título.

CDD: 792.807

FOLHA DE APROVAÇÃO
"DANÇA E CAMPO EDUCACIONAL: UMA HISTÓRIA CONSTRUÍDA NO SEMIÁRIDO
BAIANO"

GERALDO CORREIA PONTES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA, em 12 de agosto de 2022, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:



Professor Dr. JOSENILTON NUNES VIEIRA (Orientador)

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Doutorado em Educação

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

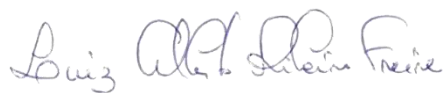


Professor Dr. JOÃO JOSÉ DE SANTANA BORGES (Examinador Interno)

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Doutorado em Ciências Sociais

Universidade Federal da Bahia – UFBA



Professor Dr. LUIZ ALBERTO RIBEIRO FREIRE (Examinador Externo)

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Doutorado em História da Arte

Universidade do Porto – U.Porto

AGRADECIMENTOS

A minha mãe e meu pai (in memoriam), Maria Almira Correia Pontes e Washington Pontes.

As minhas irmãs, Fátima e Mônica.

Aos meus irmãos, Scaffa (in memoriam), João Neto, Heber e sobrinhos.

A minha filha, Bárbara Pontes.

À professora Esmelinda Pergentino, madrinha da Escola de Ballet Geraldo Pontes.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Josenilton Nunes Vieira.

A Rafael Pereira da Silva, meu companheiro e amigo de todas horas.

A todas as crianças que tive a oportunidade de apresentar, semear e incentivar a dança no seu universo.

Aos pais e mães das crianças, pela confiança e credibilidade.

A todos os meus professores, pela acolhida e fonte de inspiração.

A todas as minhas professoras, pela acolhida e fonte de inspiração.

A Cintia Mello, pelas sábias contribuições.

A Professora Maria Iraídes da Silva Barreto, pela leitura zelosa.

Quando eu nasci, eu já dançava.

Mário de Andrade

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivos contar a história da Escola de Ballet Geraldo Pontes e refletir acerca da sua importância para a construção da autoexpressão e liberdade de corpos bailarinos por meio do cultivo ao gosto, à formação e ao acesso ao Ballet clássico na cidade de Juazeiro, Território do Sertão do São Francisco, Bahia, Brasil. A discussão abordada neste texto delinea-se nos paradigmas da pesquisa qualitativa e foi construída a partir do método autobiográfico, realizado por meio da narrativa autobiográfica que tece diálogos relacionados ao tempo e às memórias a partir de crônicas, da história de vida, comendas, ilustrações e fotografias que se constituem como dispositivos verbo-visuais que aproximam o passado e o presente na tessitura da história dessa escola. A autobiografia possibilita refletir sobre as subjetividades e trajetórias de vida pessoais e profissionais que constituem os sujeitos sociais. Propicia, ainda, a percepção de si sobre ser, sentir, estar e interagir nos diversos contextos sócio-históricos, educacionais e culturais; possibilita o autoconhecimento e a autocompreensão acerca da vida e dos sentimentos que interpelam e ressignificam a (re)existência humana. Nesta narrativa autobiográfica, vinculada à linha de pesquisa Campo Educacional, Currículo e Cultura Escolar do Programa de Pós-graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos do Departamento de Educação, Campus III da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, descortino a minha história de vida - um corpo masculino e suas sapatilhas, que encontrou na Arte da dança um espaço de acolhimento e realização pessoal e profissional. Um corpo hétero pode dançar forró, samba, axé dentre outras, mas sofre preconceito ao dançar ballet. Assim, meu corpo, a minha trajetória de vida e a escola de Ballet Geraldo Pontes assumem um comportamento insurgente, quando me torno bailarino e crio também uma escola de Ballet clássico em terras sertanejas no ano de 1978, rompendo preconceitos e abrindo caminhos para quem quiser aprender e dançar ballet, considerada dança para meninas e de elite na década de 70. A história do bailarino Geraldo Pontes intersecciona-se com a da Escola de Ballet Geraldo Pontes e se tornou um marco na cultura do semiárido baiano. O aporte teórico fundamentou-se em Cristine Josso (2012), Ferraroti (1998), Foucault (2010), Langendonk (2004) entre outras referências. A Escola de Ballet Geraldo Pontes iniciou com o Ballet clássico e propiciou o acesso e a experimentação de corpos dançantes e criativos que contam histórias; estimulou e incentivou o fazer artístico por meio de uma metodologia somática e performática, agregando valores à profissionalização e capacitação de jovens que hoje atuam no mercado de trabalho em territórios semiáridos e no exterior. Há mais de quatro décadas, segue despertando o gosto pela dança clássica, inovando com dança de matriz afro-indígena e festivais de dança, envolvendo estudantes de escolas públicas por meio de projetos no cenário artístico, social e cultural na cidade de Juazeiro, Bahia.

Palavras-chave: Dança. Escola de dança. Campo Educacional. Semiárido.

ABSTRACT

This dissertation aims to reflect and tell the story of the Geraldo Pontes Ballet School and its importance for the construction of self-expression and freedom of ballet dancers through the cultivation of taste, training and access to classical ballet in the city of Juazeiro, Territory of Sertão do São Francisco, Bahia, Brazil. The discussion addressed in this text is outlined in the paradigms of qualitative research and was built from the autobiographical method, carried out through the autobiographical narrative that weaves dialogues related to time and memories from letters, life history, commendations, illustrations and photographs that constitute verbal-visual devices that bring the past and the present together in the fabric of the history of this school. Autobiography makes it possible to reflect on the subjectivities and personal and professional life trajectories that constitute social subjects. It also promotes the perception of oneself about being, feeling, being and interacting in different socio-historical, educational and cultural contexts; it enables self-knowledge and self-understanding about life and feelings that challenge and give new meaning to human (re)existence. In this autobiographical narrative, linked to the line of research Educational Field, Curriculum and School Culture of the Postgraduate Master's Program in Education, Culture and Semi-arid Territories of the Department of Education, Campus III of the University of the State of Bahia – UNEB, reveal my life story - a male body and its shoes, which found in the Art of Dance a space for welcoming and personal and professional fulfillment. A straight body can dance forró, samba, axé, among others, but suffers prejudice when dancing ballet. Thus, my body, my life trajectory and the Geraldo Pontes Ballet School assume an insurgent behavior, when I become a dancer and also create a classical ballet school in the countryside in 1978, breaking prejudices and opening paths for anyone who wants to learn and dance ballet, considered an elite dance in the 70s. The history of the dancer Geraldo Pontes intersects with that of the Geraldo Pontes Ballet School and has become a landmark in the culture of the semi-arid region of Bahia. The theoretical contribution was based on Cristine Josso (2012), Ferraroti (1998), Foucault (2010), Langendonk (2004) among other references. The Geraldo Pontes Ballet School started with classical ballet and provided access to and experimentation with dancing and creative bodies that tell stories; stimulated and encouraged artistic work through a somatic and performative methodology, adding value to the professionalization and training of young people who currently work in the job market in semi-arid territories and abroad. For more than four decades, it has continued to awaken a taste for classical dance, innovating with Afro-Indian dance and dance festivals, involving students from public schools through projects in the artistic, social and cultural scene in the city of Juazeiro, Bahia.

Keywords: Dance. Dancing school. Educational Field. Semiarid.

SUMÁRIO

1	PROSA INICIAL: DANÇAR É LIBERTAR-SE!.....	10
2	DANÇANDO NA ESCOLA: EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E FORMATIVA.....	17
3	UM CORPO QUE SE ESCUTA, REFLETE E SE RESSIGNIFICA NA AUTOBIOGRAFIA.....	25
4	A ESCOLA DE BALLET GERALDO PONTES: UM CONVITE À DANÇA	32
4.1	MEMÓRIAS DE UMA ESCOLA DE BALLET: EMOCIONAR É SEU TALENTO.....	48
4.2	DA PONTA DA SAPATILHA À PONTA DA LÍNGUA: E O QUE DIZEM SOBRE NÓS?.....	53
4.3	CORPOS TRAVESTIDOS, LIBERDADE E AUTOEXPRESSÃO: INSUBMISSÕES EM VICTOR VICTÓRIA.....	66
4.4	A LUZ QUE VEM DE ORUM NA TRAJETÓRIA DE UM CORPO QUE DANÇA.....	75
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS CORTINAS SE FECHAM, MAS AS LUZES PODEM SE ACENDER A QUALQUER INSTANTE-ESPETÁCULO	78
	REFERÊNCIAS.....	80
	ANEXO A: AULA.....	83
	ANEXO B: ESPETÁCULOS.....	84
	ANEXO C: INFÂNCIAS.....	85
	ANEXO D: RECONHECIMENTO.....	86
	ANEXO E: DANÇANDO NA PRAÇA, AGRADECIMENTOS.....	87
	ANEXO F: QUADRO - MOMENTOS DE FORMAÇÃO E ARTES.....	88
	ANEXO G : PAULO AUTRAN EM JUAZEIRO, 1978 - INSPIRAÇÃO PARA JUVENTUDES.....	92
	ANEXO H : A ARTE NÃO É SÓ TALENTO, É UM ATO DE CORAGEM.....	93

1 PROSA INICIAL: DANÇAR É LIBERTAR-SE!

Somos seres sociais, logo seres de linguagens e de movimentos. Consumimos e produzimos linguagens na inteireza das nossas relações intra e interpessoais por meio de um corpo que fala, expressa diferentes sentimentos e busca comunicação a partir de movimentos como respirar, gesticular, olhar, sorrir, chorar, dançar, falar, entre outros naturais e inerentes ao corpo humano ou produzidos social e culturalmente. Os primeiros movimentos acontecem na vida intrauterina e são perceptíveis pelos contornos da barriga materna ou por sofisticados equipamentos de ultrassonografia. Movimento significa ‘vida’ em sua acepção plena.

A linguagem do corpo acompanha o ser humano desde sua origem ainda no ventre feminino e externo a esse, desde a ancestralidade com os povos primitivos por meio das danças circulares. Esse conceito refere-se às danças coletivas, nas quais, em roda, cada participante expressava toda sua energia para fortalecimento dos valores, da integração e autoexpressão de pertencimento. De acordo com os estudos de Langendonck (2004), a arte rupestre, que data das Eras Paleolítica e Mesolítica (9000 e 8000 a.C.) e do Período Neolítico (6500 a.C.), registra desenhos de homens e mulheres em disposição circular, batendo os pés no chão e dando mais intensidade aos sons, foram descobrindo outros ritmos, sincronizando os passos com as mãos através das palmas e de instrumentos de pequeno porte que estavam ao seu alcance, e assim, se autoexpressavam por meio do corpo-dançante e registravam essa prática por meio da arte gráfica – os desenhos.

Esses registros contam a história da dança e são encontrados nas paredes das cavernas em várias partes do mundo: em Altamira na Espanha, em *Lascaux* na França e no Brasil há um destaque para a Serra da Capivara no Piauí, cujos registros pictográficos mostram corpos dançantes em volta de animais e vestidos com suas peles, saltando e imitando os seus movimentos, representando os rituais de oferendas para festejar a vida, celebrar a fertilidade do rebanho e da terra, bem como agradecer a natureza por ocasião do plantio e da colheita (FARO,1986).

Esses movimentos com o corpo, aliados à musicalidade, deram origem a dança, que nasce na Pré-História como atividade coletiva. Em Kemet – Antigo Egito, as danças começaram dois mil anos a.Cristo. Eram realizadas nos rituais religiosos, quando as

peessoas se reuniam para agradecer ou pedir aos Deuses, Sol e Lua, proteção ou libertação de determinados conflitos espirituais. Dessa forma, a significação dos movimentos corporais estava ligada a uma série de fatores pelos quais se constrói o processo de evolução e transformação do ser humano enquanto ser social. Assim, ‘antes de falar, o ser humano dançou’(LANGENDONCK 2004).

Em espaços públicos e privados ou em ambos, são inúmeros os ritos nos quais a linguagem do corpo e sua dimensão estesiológica se fazem presentes. Entre essas linguagens situa-se a dança, fenômeno social e cultural que expressa sentimentos íntimos e diversos por meio do corpo com seus movimentos espontâneos, suas técnicas apuradas e experimentações que produzem discursos a partir dos vastos conteúdos e vivências individuais e coletivas.

De acordo com Butt (1995), a dança é definida como uma das mais antigas artes criadas pelo ser humano, na qual ele manifesta todos os seus impulsos, crenças e limites. Nesse contexto, desde que existe o ser humano, existe a dança. Dançar era algo natural. Unindo-se a música ao gesto, nasceu a dança. Descobertos o som, o ritmo e o movimento, o homem passou a dançar (PORTINARI, 1989). Para Nanni (1998), a dança é como uma arte que significa expressão gestual e facial, através de movimentos corporais e emoções sentidas a partir de determinado estado de espírito.

A dança conta histórias por meio da corporeidade, concepção que tem sua gênese na Filosofia e diz respeito ao modo como o cérebro reconhece e usa o corpo em sua relação com o mundo. A corporeidade contempla aspectos indivisíveis entre os campos: fisiológico (físico); psicológico (emoções da afetividade) e espiritual nos quais a mente e o físico são constitutivos do universo da vida, isto é, antropossocial (MERLEAU-PONTY, 2011). Nos corpos dançantes, o físico e psíquico interagem por meio dos sentidos. Na dança, os sentidos plasmam.

O corpo é esquema no sentido de 1) sistema de referência, aqui absoluto, não coisa no espaço ou conteúdo 2) totalidade que prescreve seu sentido às partes 3) sistema de equivalências intersensoriais imediatas 4) relação a um espaço exterior que faz sistema com ele, que ele frequenta (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 129 *apud* VERISSIMO, 2013, p.4).

Falar em dança é falar do corpo. Para o filósofo Merleau-Ponty (2011), é urgente compreender o corpo em sua integralidade e afirma que isso só é possível por meio das vivências. Sócio-historicamente, o corpo tem sido concebido, produzido e (in)disciplinado para viver socialmente. Ele é biológico, sensível, vivido e cultural. Nesse sentido, a dança é uma linguagem que conjuga corpo-mente e sentidos. É uma linguagem democrática e pluriversal, presente desde os primórdios da vida humana à contemporaneidade com uma potencial capacidade de reinventar-se.

Dançar é comunicar e libertar-se. No espectro de concepções sobre a dança, pode se dizer que é uma linguagem social, uma manifestação da cultura corporal e que dada à dinamicidade da condição social, histórica, política e cultural do ser humano, ela ganha e produz sentidos e significados diversos, comunica emoções de afetividade nas diferentes esferas sociais em seus contextos na Arte, na religião, na saúde, no trabalho, na guerra, no lazer, dentre outros. Promove, ainda, socialização, integração, desenvolvimento da postura corporal, afinamento da coordenação motora, equilíbrio e lateralidade, desenvolvimento físico e psíquico, concentração e harmonia, inclusão social, qualidade de vida e bem estar. É expressão, autoexpressão e também modo de ser e viver.

Ademais, a dança é terapêutica e tem um aspecto curativo de patologias físicas e mentais. De acordo com a bailarina argentina, Maria Fux (1983), a dança propicia às pessoas à construção da percepção de si por meio dos sentidos e do ritmo natural ao corpo humano. O autoconhecimento e a autocompreensão presentes nessa atividade auxiliam na superação de conflitos interiores que atormentam, entristecem e adoecem as pessoas.

A dança, ao harmonizar o silêncio e a música interna ao corpo (batidas do coração e respiração) com os ritmos exteriores do ambiente, seja natural ou reproduzida por equipamentos eletrônicos e/ou instrumentos musicais (barulho da chuva, canto das aves, canções, música instrumental, etc.) conduz a pessoa a um processo de imersão no qual ela vai se percebendo capaz de sentir e expressar sentimentos. Isso promove o equilíbrio mental e eleva a autoestima, iniciando um processo curativo (FUX, 1983).

Corpos dançantes rompem silêncios, pois se em algumas situações a palavra é interdita, a dança abre caminhos interlocutivos, comunica de modo sensível, potencializa a expressividade dos sentimentos e, assim, liberta. Esse é um aspecto

importante da vida humana, porque na contemporaneidade, com a disseminação de discursos de ódio e a intensidade de comportamentos racistas e homofóbicos, a juventude tem recorrido à dança, em seus múltiplos ritmos e modalidades, como um modo sensível de se comunicar e se integrar social e afetivamente ao mundo. As danças de rua nos contextos urbanos periféricos têm espelhado esse comportamento.

A dança é, portanto, uma manifestação sociocultural expressiva, natural e/ou técnica que proporciona a interação entre o sujeito consigo, com outrem e com pluriverso que o cerca. “Quando criamos e nos expressamos por meio da dança, interpretamos seus ritmos e formas, aprendemos a relacionar o mundo interior com exterior” (LABAN, 1990, p.49). É um exercício que possibilita a reelaboração de conceitos e modos de ser, sentir, estar e interagir no mundo. O ato de dançar possibilita uma experiência estética lúdica, interlocutiva e transformadora, logo, dançar é um ato artístico e político. A dança é insurgente e insubmissa. É um ato de libertação.

Em sua trajetória, a dança envolve intuição, imaginação, emoção, memória e interpretação. Individual ou coletiva, essa prática educacional e cultural encanta a sociedade com lançadas ao ar, quedas ao solo, gingados, movimentos livres dentre outros. A Tesoura, o Parafuso, o Dobradiço são alguns dos passos do Frevo pernambucano; no Ballet clássico têm-se o *Plié* (flexão do joelho), o *Jeté* (lançamento da perna esticada no ar) o *Grand Battement* (perna e pé sob a forma de batida) dentre outros; na Bahia, o Axé com o molejo e harmonia nos braços e pernas com jogo no quadril. A dança contemporânea, por sua vez, desenha-se por meio de movimentos mais livres de técnicas que buscam manter o corpo no solo, por isso dispensa as sapatilhas e há um predomínio da Queda ao solo como um dos passos mais importantes.

O corpo que dança e expressa cenas que compõem a vida, ora é exaltado para celebrar a vida, a terra e a fertilidade, ora sofre sanções e apagamentos, a exemplo da atitude da Igreja Católica Medieval que concebeu a dança como ‘pecado’, proibindo essa linguagem em espaços públicos. No entanto, sendo um modo de comunicação humana, resistiu. Durante a Idade Média houve uma ‘ruptura’ conceitual na evolução da dança. Se na Antiguidade era concebida com algo da ordem do Sagrado - agradecimento, ao ser agregada aos ritos tribais em honra aos Deuses e às Deusas, a Igreja Católica Medieval banuiu essa arte de seus ritos e isso foi institucionalizado no ano de 774 a. C. pelo papa Zacarias, por meio de um decreto. As

danças proibidas foram a Carola – dança da alegria e do toque físico, porque era realizada por meio de roda – e o Tripudium, nessa as pessoas não se tocavam. Todas as danças aconteciam ao som dos tambores e tamborins (BAZZOTI, 2022).

Na Idade Média, a dança foi perseguida e proibida e o corpo foi associado ao pecado, por apresentar movimentos sensuais. Porém os camponeses de forma oculta e insubmissa continuaram executando suas danças que representavam suas crenças e eram manifestações populares. Depois de várias tentativas de interdição, a Igreja Católica Medieval sentiu a necessidade tolerar essas danças, e por não conseguir extingui-las, inseriu o conceito de misticismo, denominando as danças como manifestações pagãs (RENGEL, L; LANGEDONCK, 2006).

Desse processo surge a interdição verbal e cultural em relação ao corpo e tudo que a ele se relaciona, a exemplo das manifestações corporais, como reverberações dessa postura histórica, advinda do discurso religioso católico medieval. Insurgente, a dança retorna à cena e é convocada como ritual para espantar a morte, afastar espíritos e maldições causadoras de epidemias.

Nessa trajetória pendular social, cultural e histórica, do Renascimento à Contemporaneidade, a dança vai se produzindo, resistindo, re(existindo), entretendo e provocando emoções em quem protagoniza a cena dançante e em quem aprecia e assiste. (LANGENDONCK, 2004). Isso mostra que nesse percurso, às vezes as cortinas se fecham e a linguagem do corpo é interdita, porém não significa que o espetáculo foi silenciado. Apenas algumas luzes se apagaram e podem ser acesas a qualquer instante-espetáculo.

Trago essas reflexões para ilustrar uma das razões que gerou, por um tempo significativo, o silenciamento das manifestações corporais artísticas e a sua disciplinarização em diferentes esferas sociais públicas e privadas, entre essas, o ambiente escolar, tema que volta à cena com a importante e complexa publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental - Artes (1998). O corpo carrega consigo o estigma do apagamento, de ser ‘domado’ para ser ‘saudável e dócil’ e, assim, passivo de manipulação e subserviência à força do trabalho. Foucault (2010) reflete que:

O corpo que é submisso e quem não possui saber é corpo facilmente manipulado, controlado e ordenado. É a disciplina, por fim, que fabrica corpos submissos, dóceis, visto que [...] esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos, a fim de torná-los - os corpos - mais obedientes e mais úteis ao mesmo tempo (FOUCAULT, 2010, p. 133).

Desde a minha pouca idade era nítida, no início da década de 70, a minha percepção sobre a disciplinarização dos corpos infanto-juvenis e o apagamento da expressão corporal e da dança no ambiente escolar, bem como a existência de pouquíssimos espaços públicos de dança na cidade de Juazeiro-Bahia nessa época, especialmente o Ballet clássico. Inquietava-me o fato de um corpo hétero poder dançar Forró, Samba, Axé, dentre outras danças, mas sofrer preconceito ao dançar ballet, considerada dança feminina e de elite na década de 70.

Aqui está a gênese desta dissertação que tem por objetivos contar a história da Escola de Ballet Geraldo Pontes e refletir sobre sua importância para a construção da autoexpressão e liberdade de corpos bailarinos por meio do cultivo ao gosto, à formação e acesso ao Ballet clássico na cidade de Juazeiro, Território do Sertão do São Francisco, Bahia, Brasil.

Este texto inscreve-se no campo metodológico de narrativa autobiográfica e está vinculado à linha de pesquisa Campo Educacional, Currículo e Cultura Escolar do Programa de Pós-graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos do Departamento de Educação, Campus III da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, espaço que me possibilitou descortinar a minha história de vida - um corpo masculino e suas sapatilhas, que encontrou na Arte da dança um espaço de acolhimento e realização pessoal e profissional.

Meu corpo, minha trajetória de vida e a Escola de Ballet Geraldo Pontes assumem um comportamento insurgente, quando me torno bailarino e crio também uma escola de ballet clássico em terras sertanejas no ano de 1978, rompendo preconceitos e abrindo caminhos para quem quisesse aprender e dançar ballet nesta escola, que se tornou um marco na cultura do semiárido baiano.

É disso que trata esta narrativa, estruturada por quatro seções. A primeira é a “Prosa Inicial: dançar é libertar-se” que conta uma breve história da dança, uma prática cultural

milénar e uma das primeiras linguagens usadas para agradecer, celebrar a vida, espantar maus espíritos e que mesmo sendo silenciada, é insubmissa, libertadora e artística. A segunda seção “Dançando na escola: experiência estética e formativa” discorre sobre a dança com um viés histórico e científico e sua importância no campo educacional no que tange à expressividade e criatividade, por isso é uma experiência estética - espontânea ou orientada por meio de técnicas- importante na vida das pessoas desde a tenra idade. A terceira seção, “Um corpo que se escuta , reflete e se ressignifica na autobiografia” apresenta a ancoragem metodológica, construída a partir do paradigma da pesquisa qualitativa e do método autobiográfico que permite fazer as narrativas de si. A quarta seção “A Escola de Ballet Geraldo Pontes: um convite à dança” foi construída a partir de quatro subseções que apresentam a trajetória da Escola de Ballet Geraldo Pontes e a intersecção com a vida do seu criador - eu, o bailarino Geraldo Pontes com minhas memórias afetivas; os dizeres da sociedade juazeirense sobre o bailarino e sua escola; a insubmissão de corpos travestidos que encontram na dança um espaço de acolhimento pessoal e profissional. Por fim, apresento as Considerações Finais, as Referências que alicerçaram este estudo e os Anexos, dispositivos visuais que entremeiam a tessitura dessa narrativa autobiográfica.

2 DANÇANDO NA ESCOLA: EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E FORMATIVA

A dança tem sua evolução social, histórica e cultural conjunta com a humanidade e sendo Arte, deve ser acessível a todas as pessoas como um direito. No livro “História da Dança”, Langendonk (2004) apresenta uma linha do tempo acerca da trajetória social e histórica da dança de uma maneira didática e significativa, por isso essa autora entrelaça a tessitura dessa escrita acadêmica. Salientamos, que devido às finalidades sociais e aos objetivos deste trabalho, vamos entremeando aspectos sobre a história da dança apresentados pela autora, mas dedicaremos nossa atenção para contar a história da Escola de Ballet Geraldo Pontes, situada na cidade de Juazeiro-Bahia, Brasil. Neste estudo, vinculamos a dança ao campo educacional, pois a supracitada escola de dança é extensiva a algumas instituições escolares nessa cidade, por meio de projetos, mas também porque a dança além de fazer parte do currículo do sistema educacional, é uma Arte importante para o desenvolvimento corporal, cognitivo, socioemocional, educacional, cultural e humano.

A aula de dança torna-se ‘obrigatória’ no sistema escolar. O uso desse termo é necessário, porque historicamente, há um rito de negação das atividades que dizem respeito às Artes e ao corpo, ainda considerado como ‘algo’ tão menor que não compete à escola ‘perder’ tempo com esse conteúdo; ou é algo tão sublime e revolucionário que deve ser interditado nesse espaço. Entretanto, a presença de marcos legais da educação escolar torna o ensino das Artes, entre essas a dança, conteúdo obrigatório. Isso é importante, porque a autocompreensão do corpo e sua relação com outrem e com o mundo plural é um aspecto intrínseco aos processos formativos do ser humano e a escola deve ser um espaço diverso e especial para dialogar e experienciar isso.

Os estudos das Artes na escola são profícuos às interações humanas por propiciar experiências estéticas. A aula de dança, por exemplo, possibilita às pessoas envolvidas interagirem e estabelecerem laços interpessoais importantes, pois a dança atravessa o campo dos sentidos, logo opera com o dialogismo (BAKHTIN, 2003) e com as escutas sensíveis (FREIRE, 2015) como dispositivos de interação social (BAKHTIN & VOLOCHINOV 1995). Nos processos interlocutivos que antecedem ou finalizam a aula de dança na Educação Básica, é possível criar essas escutas e perceber as preferências das crianças sobre o gostam de brincar, de cantar, de ouvir; possibilitam escutas e diálogos

sobre suas experiências, seus saberes e percepção sobre si e o mundo; oportuniza a fruição da imaginação e atitudes da criança (VERDERI, 1998). Pereira et al (2001) salienta:

[...] a dança é um conteúdo fundamental a ser trabalhado na escola: com ela, pode-se levar os alunos a conhecerem a si próprios e/com os outros; a explorarem o mundo da emoção e da imaginação; a criarem; a explorarem novos sentidos, movimentos livres (...). Verifica-se assim, as infinitas possibilidades de trabalho do/para o aluno com sua corporeidade por meio dessa atividade (PEREIRA et al 2001, p.60- 61).

Um marco legal que regulamenta o sistema educacional brasileiro é a Lei de Diretrizes e Bases – LDB (BRASIL, 1996) que instituiu a obrigatoriedade do ensino de Artes em território nacional. “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 1996, Art. 26 - § 2º). Em uma perspectiva democrática, a LDB (1996) orienta o acesso à Arte e a promoção do desenvolvimento cultural a todas as pessoas, mas tem um efeito especial para as crianças pertencentes às classes trabalhadoras, pois legalmente essas passam a ter acesso às Artes e a dança e, assim, podem despertar para uma consciência corporal, bem como acessar esse bem cultural.

A LDB se faz necessária para garantir a equidade de oportunidades, porque o acesso às Artes sempre foi direito das classes sociais e economicamente. Privilegiadas. Às infâncias empobrecidas restava (ainda resta) a força de trabalho, embora as crianças em suas comunidades sempre tivessem o talento para se reinventarem, produzirem e vivenciarem de modo imaginativo diferentes manifestações e expressões artísticas – são insurgentes: dançam e fazem arte onde estiverem.

No sentido de garantir o acesso às Artes produzidas pelas humanidades, outros marcos legais foram criados e fortalecidos a exemplo da atualização da Constituição Federal em 1988, do Estatuto da Criança e do Adolescente em 2010 e de novas diretrizes e orientações curriculares educacionais: os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1º a 4ª séries - PCN (1997); Parâmetros Curriculares Nacionais de 5ª a 8ª séries – PCN (1998);

Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - RCNEI (1998); Orientações Curriculares Nacionais para Ensino Médio, volume 1 – Linguagem, Códigos e suas Tecnologias (2006), dentre outras. Todos asseguram o ensino da Arte como direito.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para Ensino Fundamental - Artes (1997) incluem a dança, pela primeira vez na história do país, como disciplina obrigatória. Orienta os principais objetivos da dança: “valorizar diversas escolhas de interpretação e criação em sala de aula e na sociedade, situar e compreender as relações entre corpo, dança e sociedade e buscar informações sobre dança em livros e revistas e ou em conversas com profissionais” (BRASIL, 1997).

Nesse documento, o ensino da dança é concebido como uma atividade educativa, recreativa, criativa e formativa. A dança é considerada como manifestação corporal sociocultural cujo princípio basilar é a expressividade - um corpo que fala por meio de movimentos espontâneos ou orientados pelo saber técnico inerente à dança e um modo de vida. Essa prática cultural milenar que nasce junto às humanidades envolve intuição, imaginação, emoção, memória e interpretação, além de ser um fenômeno social e artístico que propicia uma experiência estética, aspecto fundamental para o desenvolvimento humano.

Na Educação Básica, a dança é um saber e uma atividade primordial. De acordo com Merleau-Ponty (2011, p. 32 apud VERISSIMO, 2013, p.27), a dança evoca os sistemas intersensoriais, considerados importantes para o acesso, a apropriação e construção do conhecimento, porque brincando, pulando, movimentando-se e dançando livremente ou com uso de técnicas, as crianças aprendem. Ademais, é um Direito da criança, conforme rezam a Constituição Federal do Brasil (1988) e o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (2010).

Teoricamente, a proposta de inclusão da dança na esfera escolar é bastante significativa e inovadora, mas também é tensa, pois precisa ser compreendida e realizada como um momento importante de aprendizagem. Assim, demanda conhecimentos sobre a dança e suas finalidades em si, que a princípio é a expressividade, bem como procedimentos didáticos e pedagógicos, pois se trata de um saber legítimo, não devendo ser trabalhada como mero passatempo nas celebrações de datas festivas da escola.

Trazemos nessa narrativa esse posicionamento, porque concebemos a dança como experiência estética, expressividade de emoções do mundo interior sentido ao exterior a ser vivido (LABAN, 1990) e não como ‘repetição’ de movimentos desprovidos de sentidos. A dança pode ser espontânea, pois é uma prática cultural da humanidade que se ressignifica, ora inspirada em performances histórico e culturalmente construídas ao longo das civilizações, ora há uma mistura de passos e movimentos que dão origem a outros, fator que caracteriza a dança como um fenômeno cultural dinâmico.

No tocante à dança, muitas vezes as práticas escolares estão desautorizadas, pois não trazem a dança conforme orientam os PCN (1997; 1998) e as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, volume 1 sobre Linguagem Códigos e suas Tecnologias (BRASIL, 2006). Laban (1990) considera que todos os corpos podem dançar, pois dançar é por o corpo em movimento com ou sem acompanhamento musical, com uso de técnicas ou pela espontaneidade e essa ainda pode ser estruturada por meio da coreografia, palavra de origem grega: *Korea* significa dança e *Graphien*, escrita. Nesse sentido, a palavra coreografia traz consigo uma semântica que se traduz em ‘escrever com o corpo’.

Essa concepção de coreografia nem sempre corresponde às práticas realizadas na escola, que, muitas vezes e por diferentes variáveis - pouco tempo para as aulas; ausência de recursos materiais ou profissionais especializados - dentre outras, colocam a dança como ‘repetição de movimentos’ com ausência da experiência intersensorial e que não contam histórias e não traduzem a autoexpressividade e libertação - não reflete Arte como estética. A dança espelha narrativa; dançar é contar histórias por meio dos movimentos - os passos - e também pode ser por meio da cena e seus elementos: figurino, iluminação e cenário. A partir da dança, modos de vida se revelam e, assim, a dança invade casas, ruas, praças, vilas, salões de dança, morros, mas também os palcos dos teatros e salões de Arte.

Nesse sentido, em sua realização a dança apresenta duas vertentes: dança-teatral ou performática e dança-social ou somática. A primeira tem o foco no espectador e a segunda na pessoa que dança. Para Laban (1990) a dança social abarca todos os tipos de danças que se realizam pelo gosto e prazer de quem dança, com objetivo de diversão e entretenimento. Corresponde a uma manifestação corporal produzida socialmente a partir de saberes e crenças de um indivíduo ou de um coletivo em diversas esferas sociais. É passível de normas e condutas socioculturais, produzidas nos espaços onde se realizam e,

simultaneamente, contribui para a construção de sentidos e significados para as pessoas que vivem nesses espaços: apreciando ou dançando.

Rodriguês (1997) e Marques (2010) consideram que a dança social é de ordem pessoal e coletiva, marcada pela espontaneidade que se plasma na diversão e prazer de quem dança. Está relacionada ao estímulo visual (assiste e aprecia a dança); espiritual (louvor e adoração); prazer físico (satisfação, alegria, entretenimento), enfim, sem compromisso com a representação para outrem, visto que seu foco é a realização lúdica e afetiva de quem dança. Barreto (2008) apresenta uma concepção de dança que se aproxima da dança social. Para essa estudiosa, a dança é um espetáculo que vai do privado ao social com o objetivo de produzir alegria. A dança não é apenas expressão, é também um modo de ser e viver.

Dançar é um dos maiores prazeres que o ser humano pode desfrutar. Uma ação que traz uma sensação de alegria, de poder, de euforia interna e, principalmente, de superação dos limites de seus movimentos. Algumas pessoas não se importam com o passo correto ou errado e fazem do ato de dançar uma explosão de emoção e ritmo que comove quem assiste. Superam os entraves emoldurados pela vergonha e invadem as pistas de dança, mostrando numa expressão corporal todo sentimento [...] É como se a dança fizesse parte do ser (BARRETO, 2008, p.1).

A dança-teatral ou *Tanztheater*, termo alemão que se reporta a uma dança caracterizada pela intensa presença da dramaturgia física e teatralidade, é também chamada de dança performática. Constitui-se pela composição de espetáculos que representam vivências humanas, por isso sempre trazem uma narrativa, ou seja, é um corpo dançante inspirado no Ballet Clássico, mas que agregou durante sua trajetória histórica outros elementos e movimentos e contam uma história, sempre com referência à vida humana. “Nossa busca é sempre a da *Tanztheater*, entendida como a forma e técnica de coreografia dramática, considerando de perto a ópera, a música e acima de tudo com artistas interpretativos como diz Markard (1985, p.39 apud por BANOV, 2010, p.3).

Diante desses saberes sobre dança, salientamos a importância de se repensar o seu lugar artístico e social na esfera da Educação Básica como um conteúdo, mas também como vivências. Essa prática cultural é recomendada a partir dos sete anos de idade, quando a criança já tem um corpo definido, possui esquemas cognitivos e uma organização espacial para a compreensão da linguagem técnica que a dança exige. Porém, a partir dos 3 a 4 anos de idade, a criança já pode iniciar no universo da dança por meio da musicalidade, percepção rítmica e expressividade criativa.

A variação sonora estimula a criança a trabalhar dentro da musicalidade seus próprios recursos e a sua própria movimentação, seja através de um tema proposto como estímulo que a própria música sugere, seja a partir de lembranças e dos sentimentos. Nesse momento, o imaginário e o faz-de-conta são elementos importantes para o seu desenvolvimento auditivo, intersensorial, corporal, criativo e socioemocional.

Aliada à Pedagogia, a dança pode ser um elemento novo utilizado ao abordar diferentes saberes. A evolução da dança, o surgimento e a sustentação teórica de como utilizar a mesma dentro de sala e aula têm sido pilares da Escola de Ballet Geraldo Pontes há mais de 40 anos, que vem educando através do corpo, seja como linguagem, arte e comunicação.

O estudo da dança na idade pré-escolar é de grande importância para o desenvolvimento físico, intelectual, artístico e afetivo da criança. Por meio do corpo, a criança experimenta e descobre a sua linguagem e consciência corporal, espaço, lateralidade, musicalidade, coordenação motora, suas possibilidades de interpretação e criação dos movimentos.

Segundo Maria Fux (1983) é preciso criar tempos para expressividade do movimento na idade pré-escolar, por meio do uso de imagens, para alongamentos e contrações, desenvolvendo a criatividade por meio do lúdico, das brincadeiras, sendo importante utilizar as canções da própria infância, as brincadeiras de rua, canções de ninar, do folclore, dentre outras musicalidades. Isso gera sentimentos. Todo esse trabalho é de absoluta criação; cada criança imagina e dá forma a sua fantasia. Ao realizar as aulas de dança com as crianças, vou evocando as memórias da minha infância. Eu já fui essa criança dançante e pela dança, fui acolhido e pude compreender meus sentimentos e expressá-los.

A metodologia hoje aplicada pelo Ballet Geraldo Pontes é a metodologia cubana de ballet, por ser mais próxima ao corpo latino. Esse corpo dançante é temperamental, marca de um ritmo quente, legado da capoeira na ginga, sensualidade dos gestos e interpretação dos movimentos. Isso porque a técnica cubana foi desenvolvida exatamente para o biotipo latino-americano. Assim como a interpretação cênica mais dramática, se encaixa perfeitamente ao perfil dos povos latinos, porque nós latinos não precisamos ter o físico longilíneo do europeu para dançar ballet. Russos, alemães, franceses, italianos têm uma técnica própria e mais adequada ao seu biotipo, ao seu perfil. Mas os latino-americanos também têm o seu biótipo, graças à metodologia cubana, criada pelos irmãos Fernando e Alberto Alonso.

O mais interessante, no entanto, é que a Escola Cubana de Ballet, como é chamada a metodologia dos irmãos Alonso, reúne características das demais escolas: como agilidade dos pés da escola italiana, a elegância dos braços da escola russa, a correção da escola inglesa, a naturalidade da francesa e a flexibilidade da norte-americana. Essa metodologia zela por alguns princípios que a caracterizam em todo o mundo. Essas peculiaridades são ensinadas e trabalhadas nas aulas de ballet como os grandes giros e saltos, a pureza e a beleza das linhas das pernas, braços e cabeça. Essas linhas devem ser alongadas para dar a impressão de que nunca terminam. Os braços são trabalhados arredondados e em linha descendente com o cotovelo segurado. Enfim, detalhes que, aos olhos dos grandes especialistas, são reconhecidos como a Escola Cubana de Ballet.

O que mais se destaca na metodologia cubana é a dramaticidade de cores fortes na interpretação dos variados personagens dos tradicionais ballets de repertório. Essa dramaticidade, tão típica entre os povos latinos, foi o ponto alto da consagração de Alícia Alonso, Bailarina Absoluta de Cuba, falecida recentemente.

Vale salientar que a metodologia do Ballet clássico, seja ela a inglesa, francesa, russa ou cubana, é uma técnica específica, mas não é o produto final. A apreciação do novo, das descobertas e novas possibilidades, aliadas à criatividade, configura um processo pedagógico utilizado pela escola de Ballet Geraldo Pontes para que alunos dançarinos e alunas dançarinas não reproduzam movimentos copiados de seus professores, mas experimentem outras formas de expressão, oriundas de sua criatividade, intuição e emoção. O potencial de criação humana surge na história como fator de realização e constante transformação. Mediante o ato criativo, é possível promover intervenções nesse contexto fascinante, estético e artístico da dança.

A Escola de Ballet Geraldo Pontes trabalha com a dança há mais de 40 anos. Esse mundo mágico de formas, movimentos, expressões e sentimentos transportam as crianças e jovens para uma realidade na qual a fantasia permite que se viva vários personagens: rei, bruxo, príncipe, duende e leva a entender que o lúdico e as brincadeiras são elementos importantes na construção dos processos de criação, pois desenvolvem a imaginação, a observação e a percepção, que são importantes aspectos para as descobertas.

A dança, dentro do sistema educacional, auxilia na valorização de um pensamento crítico transformador, articulando a linguagem corporal com a verbal, favorecendo a

conexão entre os conteúdos pedagógicos que garantem autoconhecimento e fortalecimento social. Segundo Marques (2010), há uma visão de que o ensino da dança necessita de fundamentação teórica, entretanto, salienta que não basta ter em mãos conteúdos desconectados e aprisionados a currículos.

É necessário que educadores/educadoras revisitem e reflitam sobre suas atuações quando inserem a dança (obrigatória) no contexto escolar. Dançar é uma experiência estética que precisa dialogar com a realidade social das crianças, porque é por meio de uma profunda compreensão das relações sociais que poderemos nos aproximar do valor articulador da dança no contexto educacional, porque essa instaura experiências que possibilitam a criança e ao adolescente o autoconhecimento do seu corpo e suas relações com a sociedade (BRASIL, 1998), bem como à compreensão do corpo como construção cultural (STRAZZACAPA, 2001; VIEIRA, 2006).

A experiência e os estudos aplicados à metodologia da prática da dança constituem um processo somático, no qual o corpo experimenta várias formas e conteúdos enriquecendo o seu vocabulário e a sua corporeidade (LABAN, 1990). Desse modo, a dança constitui-se como prática artística pelo pensamento e sentimento do corpo, mediante a articulação dos processos cognitivos e das experiências sensíveis implicadas no movimento dançado.

Os processos de investigação e produção artística da dança centram-se naquilo que ocorre no e pelo corpo, discutindo e significando relações entre corporeidade e produção estética. Ao articular os aspectos sensíveis, epistemológicos e formais do movimento dançado ao seu próprio contexto, os/as escolares problematizam e transformam percepções acerca do corpo e da dança, por meio de arranjos que permitem novas visões de si e do mundo e esse é um aspecto significativo para os processos formativos, que por meio de experiências estéticas, passam a ocupar, como espaço de direito, o ambiente escolar e os reflexos desses processos de aprendizagem em sua vida.

3 UM CORPO QUE SE ESCUTA, REFLETE E SE RESSIGNIFICA NA AUTOBIOGRAFIA

Ao evocar as memórias afetivas e narrá-las por meio desta escrita autobiográfica, retomo minha trajetória de criança envolvida na magia das formas, cores, emoções e expressividades que me transportavam para o pluriverso onírico das Artes. Esses movimentos lúdicos e brincantes aguçavam minha imaginação, observação, percepção e linguagens, em especial, a corporal. Nesse momento de escrita, revisito minhas lembranças e me encontro com a criança ‘Geraldo Pontes’, que pela fantasia vivenciava as personagens reis, príncipes, bruxos, duendes dentre outras da Literatura Clássica Infanto-juvenil por meio das danças teatrais no palco do Cine Teatro São Francisco, Juazeiro – Bahia. De ator infante, ao adulto artista e profissional da dança.

A história da Escola de Ballet Geraldo Pontes, situada no semiárido baiano, se entrelaça com a do bailarino, coreógrafo e professor de dança Geraldo Pontes. Elaborar essa narrativa, selecionar os materiais biográficos, remexer lembranças, reencontrar pessoas - muitas já ausentes - por meio de fotografias, crônicas e reviver cenas de dança teatral e festivais de Arte para contar a história dessa escola, levou-me “à perspectivação dos desafios do presente entre a memória revisitada e o futuro já atualizado, porque induzido por essa perspectiva temporal. Numa palavra, é entrar em cena um sujeito que se torna autor ao pensar na sua existencialidade” (JOSSO, 2012, p.23).

Revistar a memória afetiva e social de um corpo que se escuta e se expressa por uma linguagem acadêmica, estranha ao campo artístico, foi um ato muito difícil e desafiador. Entretanto, oportunizou reflexões e despertou diferentes emoções de afetividades. Luzes, cores, figurinos, ‘Quedas ao solo’, ‘Lançadas ao ar’, *Plié*, *Grand Battement*, entre outros movimentos corporais, deslocam-se do lugar de passos e técnicas dançantes e colocam-me em um lugar de escuta de mim mesmo e me conduzem às memórias, lembranças, saudades e afetos.

Nasci em Juazeiro, Bahia, no dia 23 de abril de 1962, (dia de São Jorge Guerreiro), em uma família de classe média tradicional, o que me permitiu um envolvimento importante com as Artes. Meus pais (falecidos) são Washington Pontes e Maria Almira Correia Pontes; dessa união nasceram Maria de Fátima Correia Pontes, Antônio Scaffa

Correia Pontes, João Pontes Neto, Geraldo Correia Pontes, Monica Correia Pontes e Heber Correia Pontes.

Na minha ancestralidade próxima, meus avós paternos são João Oliveira Pontes e Isabel Durcelina Pontes; avós maternos são Antonio Correia de Oliveira e Maria Francisca Correia; meus tios paternos são Clelia Pontes, Oswaldo Pontes e Orlando Pontes e tios maternos são Maria Alcides Correia, Antônio Correia Filho, Maria Aurilia Correia de Oliveira, Misael Correia de Oliveira, Zacarias Correia de Oliveira e Raimundo Lauro Correia. Duas pessoas também foram muito importantes em minha vida: meus padrinhos : José Alberto Leite Freire e Maria Alice Ribeiro Freire.

Meu pai era comerciante, tinha o escritório Pontes & Cia e a minha mãe era uma artista: confeitava bolos decorativos e bordava vestidos de criança. Tempos depois passou a bordar minhas fantasias para apresentações de danças de ballet, danças teatrais e desfiles carnavalescos. O gosto pelas Artes veio através da minha mãe.

A minha condição social e econômica permitia-me alçar voos artísticos ainda na tenra idade, quando eu participava de apresentações artísticas na escola e no Cine Teatro São Francisco, meus primeiros palcos. Nascer na cidade de Juazeiro, berço efervescente de culturas diversas e conviver em ambientes nos quais a literatura, a dança, a música, a tradição cultural local e a universal com os musicais, vistos apenas pelas telas da TV, e os festivais de Artes iam constituindo o jovem Geraldo Pontes bailarino e, depois a sua escola de dança.

A cidade de Juazeiro tem uma cultura pulsante que se reiventava. O moço Geraldo Pontes via e se envolvia nesses tempo-espacos culturais: os bares noturnos nos quais os artistas faziam serestas, cantavam música popular brasileira de artistas renomados e canções autorais; o mês de fevereiro era anunciado com as batucadas das escolas de samba Cacumbu e Voz do São Francisco; a Semana Santa trazia para as ruas corpos penitentes escondidos em vestes brancas, com práticas de autoflagelação ao som do tinir de ferros e seus murmúrios; Queimado o Judas, os folguedos juninos transformavam a cidade em lindos ‘arraíás’ nos bairros da cidade com suas barraquinhas cobertas de palhas e um palco com artistas locais, regionais e nacionais aqueciam as noites juninas no viaduto da Ponte Presidente Dutra e enamoravam as águas do Rio São Francisco com as apresentações de

quadrilhas, xotes, xaxados, desfiles de Rainha do Milho e muito forró. As lendas saíam das vozes ancestrais dos livros e as escolas se transformavam em espaços de espetáculos para o Nego d'água, a Iara, a Mandi, a Serpente da Ilha do Fogo, O Caboclo, entre outros, protagonizarem suas histórias. As bandas marciais, fanfarras e as juventudes nas ruas anunciavam a primavera da Independência em setembro e um cortejo cantante com suas beatas agradeciam as bênçãos a Nossa Senhora das Grotas e a cidade já se preparava para as cantas natalinas.

O profano e o sagrado com suas nuances de expressividade cultural e artística forjavam jovens cantores, compositores, músicos, artistas plásticos, atores de teatro e dança e admiradores que se reuniam no clube Brasinha, situado à Praça da Bandeira, ao lado da Catedral Nossa Senhora das Grotas, e realizavam um movimento artístico, político e cultural chamado de 'Chá das cinco horas', que acontecia uma vez por semana. Lá estavam o moço Geraldo Pontes com seus amigos e primos, cultivando paixões pelas Artes. Desde sempre, nós vivenciávamos essa embriaguez cultural e entendíamos que Juazeiro precisava ter outras manifestações artísticas, como o ballet, por exemplo. E dessas conversas, surgem as práticas artísticas iniciais, que vão ganhando força pelo amor à dança e delineando-se pelos pequenos espetáculos artísticos até forjar o artista, o bailarino e sua escola.

Escrever esse texto para contar essas histórias despertou emoções, saudades e reflexões. Disso decorre a opção metodológica pela pesquisa autobiográfica. Encontrei nesse tipo de estudo ainda jovem e alvo de muitas críticas na esfera acadêmica, possibilidades de analisar os modos como nos constituímos sujeitos sociais a partir da memória revisitada e das reflexões sobre o nosso ser, sentir, estar e interagir no mundo. A autobiografia me possibilitou o autoconhecimento e a autocompreensão acerca da vida e dos sentimentos que interpelam e (res) significam existência humana. Salienta Marie-Cristine Josso (2012):

A reflexão biográfica permite, pois, um colocar-se na escuta, e uma exploração das emergências interiores (sob forma de desejos, expectativas, projetos) que desvelam uma busca ativa de realização do ser humano em potencialidades insuspeitáveis, inesperadas o processo autorreflexivo, que obriga a um olhar retrospectivo e prospectivo, tem de ser compreendido como uma atividade de autointerpretação crítica e de tomada de consciência da relatividade social, histórica e cultural dos referenciais interiorizados pelo sujeito e, por isso mesmo, constitutivo da dimensão cognitiva da sua subjetividade (JOSSO, 2012, p.20).

Ao discorrer sobre a Escola de Ballet Geraldo Pontes, percebo que essa é um espaço microsocial pulsante e, considero que a criação de uma escola de dança sem recursos foi uma iniciativa tensa, ousada e inovadora. Há quase quarenta anos, tempos sem muita sensibilidade e respeito às diversidades, a cidade de Juazeiro, no semiárido baiano, assistia um corpo bailarino masculino, maquiado, calçado em suas sapatilhas, atravessando a Rua Benjamim Constant, coração da cidade de Juazeiro-Bahia e caminho que se encerrava às margens do rio São Francisco, com a estética dançante que lhe é peculiar, porque a dança é movimento, mas é também modo de vida. A escola de ballet, tema desta narrativa, está situada na cidade de Juazeiro, na Bahia-Brasil. Essa Pertence ao Território de Identidade Sertão do São Francisco, região Nordeste do Brasil, que é constituído por dez (10) municípios, sendo destaque a cidade de Sobradinho por causa do Lago ou Barragem de Sobradinho, um dos maiores lagos artificiais do mundo. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2013), esse território ocupa uma área de 61.610 Km². Possui uma população estimada em 494.431 habitantes, distribuída com 63,9% residentes na cidade e 36,9%, no campo. Juazeiro insere-se no bioma caatinga, tem uma unidade territorial de 6.721, 237 km² e uma população estimada em 219.544 pessoas (IBGE, 2019).

A cidade de Juazeiro, com seus nativos os índios Cariris e Tapuias, foi ocupada pela Coroa Portuguesa por volta do século XVI. Relatos históricos contam que essa cidade baiana era ‘ponto de descanso’ das boiadas que vinham do Piauí e Pernambuco (estado vizinho, unido a Bahia pelas águas do Rio São Francisco) no apogeu da era do “Gado” ou “Couro”. O município tem um patrimônio arqueológico composto por mais de 70 sítios, sendo a maioria pré-colonial e arte rupestre. Situa-se às margens do rio São Francisco ou ‘Velho Chico’ que nasce na Serra da Canastra, Minas Gerais. É considerado o maior rio brasileiro.

Juazeiro tem uma beleza natural que são as ilhas fluviais, expressão importante do turismo local e internacional, porém a sua maior riqueza é sua gente ribeirinha em suas vivências no anonimato ou destacada nas mídias – do rádio às mídias sociais. É Terra da cultura sertaneja e cosmopolita. Juazeiro é berço da Bossa Nova e de filhos/filhas artistas ilustres: o compositor João Gilberto; o adotado poeta Manuca (era sergipano); o artista plástico Coelhão; a professora Maria Franca Pires; a atriz e historiadora Bebel Pontes; o

artista plástico, professor e pesquisador Gérson Guerreiro; a carismática compositora, atriz, produtora e cantora Ivete Sangalo, entre outras personalidades do campo artístico-cultural. Esse lugar tem uma vocação para arte e cultura implicada com a sertanidade e conta com o Centro de Cultura João Gilberto, palco que exibiu mais de 120 eventos artísticos e culturais. Às margens do ‘Velho Chico’, situado à Orla II, a cidade ganhou de presente em abril de 2022 o Armazém da Caatinga, espaço de arte, lazer e gastronomia sertaneja que dá visibilidade e valorização a Agricultura Familiar.

Ferrarotti (1998) explica que a compreensão sobre o cotidiano pluriverso que nos cerca, com seus paradoxos e tensões, são significativos para compreendermos as estruturas microsociais e também fazermos ciências a partir do cotidiano vivido. Para esse sociólogo, a autobiografia “se torna instrumento sociológico que parece poder vir assegurar essa mediação do ato à estrutura, de uma história individual à história social (FERRAROTTI, 1988, p.20.)

O método autobiográfico esteve em evidência no período dos anos 1920 e 1930, entretanto, sucumbiu dada à ênfase da pesquisa empírica americana. Retorna nos anos 1980 e vem se consolidando com outro modo de fazer ciência que contempla espaços microsociais e considera o cotidiano como lugar que tem muito a dizer, provocar, e produzir saberes. Ferrarotti (1988) reflete ainda que:

Devemos voltar a trazer para o coração do método biográfico os materiais primários e a sua subjetividade explosiva. Não é só a riqueza objetiva do material primário que nos interessa, mas também e, sobretudo, a sua pregnância subjetiva no quadro de uma comunicação interpessoal complexa e recíproca entre o narrador e o observador (FERRAROTTI, 1988, p. 25).

O sobredito autor reitera que o método biográfico busca a valorização da autocompreensão que se ‘desenrola’ no interior da pessoa em relação às suas vivências na trajetória de sua vida. Essa narrativa provoca uma reflexão intrapessoal que ocorre por meio das sensações para uma ‘consciência refletida’, que corrobora o processo de formação humana, conjugando aspectos sociais, culturais, afetivos e históricos, significativos ao ‘percurso de vida’.

Ferrarotti (1988) destaca a importância para a seleção dos materiais biográficos primários e secundários. O primeiro diz respeito às narrativas biográficas, recolhidas pelo

pesquisador face a face e os materiais biográficos secundários que são constituídos de narrativas, fotografias e documentos específicos, a exemplo de cartas e comendas, cujos objetivos não foram atender à pesquisa, mas a produção de um acervo pessoal.

Nesse sentido, reitero que construí meu acervo pessoal por causa das memórias afetivas. Na minha juventude, ter uma máquina fotográfica e revelar as fotografias era algo que exigia muito recurso financeiro, mas eu investia e fazia esses registros visuais para eternizar esses momentos. Eu gosto de apreciar ‘os retratos’, pois toda a cena e as emoções são vivenciadas de novo e de um novo modo. E isso é muito bom.

As experiências narradas compõem um trabalho de textualização pelo qual se produz a narrativa biográfica, organizando acontecimentos sob forma de enredo, de uma história com começo, meio e fim. Segundo Delory-Momberger e Alheit e Dausien (2012), a biografização é a capacidade de narrar a própria vida. A atividade biográfica não é uma atividade episódica e circunstancial, limitada unicamente à narrativa de vida, mas uma das formas privilegiadas da atividade mental e reflexiva, na qual o ser humano representa a si mesmo e se compreende no seio de seu ambiente social e histórico (DELORY-MOMBERGER E ALHEIT E DAUSIEN, 2012).

Ao adotar o procedimento metodológico da autobiografia, encontra-se o sujeito da experiência que se reporta ao que acontece na vida. Tem-se o sujeito epistêmico que retira lições das experiências vividas e contadas em sua narrativa e na biografização como processo de elaboração de um texto. Encontra-se o sujeito autobiográfico, que se constitui na linguagem em uma relação estreita com o sujeito epistêmico e o sujeito da experiência.

Mediante a construção de narrativas autobiográficas, as pessoas contam suas próprias histórias como sujeitos e autores/autoras das reflexões. É por esse caminhar que as pessoas se libertam de uma epistemologia da racionalidade científica e técnica, e assim, “é que se insurge uma hermenêutica descolonizadora, confiante na capacidade humana de refletir sobre a própria experiência, independentemente do sexo, da idade e do grau de letramento” (PASSEGGI, 2016, p. 309).

Nesta escrita autobiográfica que tece diálogos relacionados ao tempo e às memórias a partir de ilustrações, fotografias, narrativas e documentos escritos que se constituem como dispositivos verbo-visuais que aproximam o passado e o presente, descortino a

minha história de vida - um corpo masculino maquiado e suas sapatilhas - na tessitura sócio-histórica, cultural e política da Escola de Ballet Geraldo Pontes.

4 A ESCOLA DE BALLET GERALDO PONTES: UM CONVITE À DANÇA

A cidade de Juazeiro-Bahia sempre foi rica de tradições e manifestações populares e folclóricas, nas quais a dança se faz presente, passando de geração a geração: os Pastoris, Ternos de Reis, Autos natalinos, Reis de boi, as festas de São Gonçalo, a Marujada, os Congos, Danças indígenas dos Cariris, as quadrilhas de São João, o Carnaval e as suas batucadas, as Danças dos orixás nos terreiros de Candomblé, entre tantas outras já sobreditas. Algumas se perderam no tempo e na memória, mas outras permanecem, convivendo com as expressões culturais contemporâneas.

Nessas manifestações era comum encontrar apenas homens participando, a exemplo dos Congos e os Cabocliquinhos que se vestiam de índios e vinham da Ilha de Nossa Senhora aqui em Juazeiro. Seu Né era o chefe deles. Na ilha, ainda tem remanescentes da tribo Tupiniquim e dos Cariris. É uma população negra de cabelos lisos, chamada de Cabo verdes, que mantém a presença pulsante da dança nas tribos, nas manifestações populares e religiosas.

Uma dança nunca desaparece, apenas muda de nome, sofre acréscimos, assume novos sentidos culturais e permanece viva. É sempre uma linguagem expressiva, emocionante, libertadora e um modo de vida. Para mim, dançar sempre foi um sonho. “A única forma de chegar ao impossível é acreditar que é possível”. Esse é um importante enunciado, presente no clássico conto “Alice no País das Maravilhas” (CARROL, 2010, p.29), publicado pela primeira vez em 1865 pelo fabulista, contista, fotógrafo e matemático anglicano britânico Charles Lutwidge Dodgson, conhecido com o pseudônimo de Lewis Carrol. Eu acreditei no meu sonho e nas possibilidades de um dia encantar plateias juazeirenses por meio dessa Arte que se traduz em corpos dançantes expressivos. Com apenas 16 anos de idade, como autodidata descobrindo a Arte da dança, eu e alguns amigos criamos em 1978 o grupo de dança “Arte e Explosão”, que se popularizou trabalhando com diversas linguagens artísticas: dança-teatro, poesia e musicais. Nós criávamos as coreografias e nos apresentávamos nos palcos da cidade de Juazeiro. As possibilidades de ser dançarino e envolver pessoas nesse ofício se aproximavam. Organizamos o “Juá show 78”.

Figura 1 – Cartaz de divulgação artística



Fonte: acervo do autor, 1978

Com passos ainda tímidos, a escola foi se construindo. Eu e as dançarinas da escola já nos apresentávamos no palco do Cine Teatro São Francisco, cujos espetáculos culminavam sempre com a dança solo do artista Geraldo Pontes. Sim, naqueles momentos mágicos, meu corpo parecia voar, tal era a leveza dos passos que meu corpo permitia realizar. Acreditando sempre no meu sonho de menino, viajei para Campinas - São Paulo e iniciei meu processo formativo na Arte da dança. Cursei Ballet clássico na Escola de Ballet Odete Mota Raia, mãe da atriz Cláudia Raia e também na Escola de Ballet Lina Penteado, com a professora Addy Ador, primeira bailarina do Teatro Municipal de São Paulo. Nesse momento, comecei a sentir que o impossível se tornava cada vez mais possível (CARROL, 2010). O estímulo para cursar Dança na Universidade Federal da Bahia me tomava da cabeça à ponta do pé e rodopiava no ar como asas em busca de altíssimos voos.

O grupo “Arte e Explosão” fortalecia esse sonho, pois conquistou espaço na cidade de Juazeiro e tornou-se a Escola de Dança Nureyev em 1979. A nominalização da escola deu-se em homenagem ao dançarino russo Rudolf Nureyev, conhecido mundialmente como o maior expoente da dança na década de setenta. A sobredita escola realizou diversas apresentações de dança teatro no Cine Teatro São Francisco até o ano de 1980.

A Rudolf Nureyev surge do meu anseio e desejo de popularizar a Arte da dança em Juazeiro e região; a paixão pela dança atendia a minha necessidade de me colocar como artista

e recebi o apoio da sociedade, devido à quantidade de crianças que passaram a frequentar a escola. Era um espaço não formal de Arte e Educação importante, por disseminar a cultura da dança como uma atividade corporal sensível, que colocava o corpo com a fluidez dos gestos e movimentos nas interpretações das crianças dançarinas, que iniciavam essa atividade a partir dos três anos de idade e estavam sempre se apresentando no Cine Teatro São Francisco.

De acordo com Libâneo (2010), em várias esferas da sociedade surge a necessidade de disseminação e internalização de saberes e ações (conhecimentos, conceitos, habilidades, hábitos, procedimentos, crenças, atitudes). Desse modo, os saberes se reverberam nas diferentes esferas sociais nas quais as pessoas participam. Na escola de dança, espaço não formal de educação escolar isso não é diferente, pois eram realizadas cirandas de conversa sobre a dança e as produções de dança-teatro, as crianças e adolescentes dialogavam sobre diferentes assuntos a partir da história a ser contada na coreografia. A dança estimula modos de cuidar e respeitar ‘seu’ corpo em relação ao corpo do outro. Esse é um saber imprescindível nas interações humanas. Cuidar do corpo não somente na perspectiva higienista, mas afetiva e social.

Esse amor e zelo pelo corpo como lugar de Arte tomava todo o meu ser e transcendia no meu trabalho de dançarino, professor e coreógrafo. Isso desde a infância e me acompanha por toda uma vida. Eu respiro Arte e dança. Ainda na adolescência, iniciei as minhas primeiras produções artísticas no Cine Teatro São Francisco, que tinha capacidade para setecentas pessoas que aplaudiam os espetáculos, sendo, portanto, o marco inicial de minha experiência como docente a frente de uma escola de dança de ballet clássico no semiárido baiano, terra com intensa presença do samba, forró, xaxado, axé, danças afro-brasileiras, dentre outras.

É nesse cenário que, ousadamente, o Ballet clássico, que nasce na burguesia europeia, e outras danças chegam ao sertão baiano, irrompendo e oportunizando processos de criação, de ludicidade e das brincadeiras infantis que serviam de repertório para as primeiras coreografias. E assim, a Escola de Ballet Geraldo Pontes consolida-se na cidade baiana de Juazeiro e segue sua trajetória histórico-social e cultural, passando por diversas transformações, desde a sua fundação em 1978.

Fotografia 1 – Primeira Turma de ballet em 1978



Fonte: acervo do autor, 1978

Na época, eu não tinha noção da potência social e política que seria a escola de ballet, pois eram tempos nos quais não se reconhecia e nem se falava sobre o respeito às diversidades. Era também um tempo que a sociedade machista, racista e homofóbica definia, por meio de seus discursos e práticas socioculturais, aquilo que era próprio ao corpo masculino e ao feminino.

A dança e o teatro eram considerados como algo da ordem do feminino. O jovem Geraldo Pontes, portanto, era um homem dançando ballet, maquiado, usando sapatilhas de ponta, (elemento usado pelas mulheres), que atravessava preconceitos e fragilizava os paradigmas de forma inconsciente por meio da Arte, abrindo alas para que outros rapazes, na década de setenta, no semiárido baiano, tivessem a oportunidade de se dedicar a Arte e contar histórias por meio de seus corpos dançantes de modo performático - dança teatro.

Fotografias 2 e 3 – Cine Teatro São Francisco



Fonte: acervo do autor, 2010

Até final do século XX, a sociedade brasileira construiu um arquivo discursivo cultural acerca do ballet como algo do universo feminino. Anos depois, por meio dos estudos, tive conhecimento que nos séculos XIV a XVII, época do Renascimento, o ballet era dançado por homens travestidos e que as mulheres tiveram acesso aos palcos apenas no final do século XVIII, no Romantismo. Escrever essa narrativa autobiográfica exigiu que eu fizesse leituras teóricas e essas me propiciaram saber da existência do grupo francês *Los Trocaderos*, constituído por rapazes que dançam repertórios de ballet clássico, com excelente qualidade técnica e humor em suas interpretações. O grupo até hoje se apresenta travestido, usando perucas e sapatilhas de ponta, sendo composto por artistas de países e nacionalidades diferentes.

Percebi, então, que o sonho do adolescente Geraldo Pontes era também de tantos outros rapazes espalhados pelo mundo há muito tempo: dançar, expressar sentimentos e sensações e contar histórias através do corpo. A dança é uma manifestação artística livre e expressiva, mas traz consigo também saberes importantes acerca desse campo de

conhecimento, por isso quem deseja atuar nessa área precisa participar de processos formativos acadêmicos para compreender as técnicas, as modalidades, histórias, origens e evolução da dança, que nasce junto às humanidades. No desejo de dançar e aprender essa Arte, eu inicio e concluo a graduação no curso de Licenciatura em Dança na Universidade Federal da Bahia - UFBA, em Salvador, durante os anos de 1982 a 1987.

Fui a primeira pessoa na região do Vale do São Francisco a ter a formação acadêmica em dança e volto a Juazeiro, dando continuidade aos meus trabalhos na região; agora tendo a dança como área do conhecimento, tinha certas prioridades em propagar a dança como um elemento formador e importante na educação, não apenas preocupado com a estética, belas formas e linhas, mas na formação da cidadania, na inclusão e transformação de vidas através da dança, na Arte e educação.

Fotografia 4 – Sala de Aula



Fonte: acervo do autor, 1996

Retornando a minha cidade natal Juazeiro-Bahia, dou continuidade à escola de dança que recebe o nome de Escola de Ballet Geraldo Pontes e oferece as aulas de dança no Centro de Cultura João Gilberto, nos anos 1990. Acalentando seus sonhos de bailarinas, muitas crianças e adolescentes começaram a frequentar o Ballet Geraldo Pontes (Fotografia 4). Havia a expectativa de estarem brilhando nos palcos do Cine São Francisco e, futuramente, no Centro de Cultura João Gilberto. Com um trabalho ininterrupto verificando em cada passo e movimento a técnica correta do ballet, o corpo bailarino Geraldo Pontes, em uma metodologia somática e performática, preparava, a cada ano, o festival que viria a fortalecer, cada vez mais, a escola.

Atuando como bailarino, dançarino, coreógrafo, em 1996, inauguro a sede de escola de ballet que fica situada à Rua Melo, nº 213, centro da cidade de Juazeiro. A escola oferece aulas de alongamento, ballet, jazz, sapateado, dança do ventre, dança de salão e dança de matriz afro-brasileira. É uma escola tradicional na região, com serviços prestados a comunidade, porém vale ressaltar que não foi a pioneira.

Anterior a minha, outras escolas e professoras exerceram o ofício de implantar e promover a dança em outras gerações a exemplo das escolas e professoras: Ballet Olenka Ramalho Luz, professora de ballet, que dava aulas na Sociedade 28 de Setembro (1964); Academia de Ballet Ana Pavlova, da professora Adelaide Terranova (1977); Escola de Dança Isadora Duncan, professora Juciara Campelo (1977 e 1978); Escola Adagio, da professora Helena Palma (1977e 1978); Academia Castinha (anos 1980) e Escola de Ballet Valdete César em Petrolina, da professora Valdete César (1978). Cabe salientar a importância dessas escolas e professoras na formação pelo gosto da Arte da dança e por nos apresentar o universo da dança clássica.

Por quatro décadas ininterruptas, a Escola de Ballet Geraldo Pontes consolida seu lugar na memória e história sobre a dança e seu desenvolvimento no semiárido baiano, a partir de práticas na experimentação e apreciação de formas distintas de manifestação da dança, presentes em diversos contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

Fotografia 5 – Coreografia de matriz africana



Fonte: acervo do autor, 2008

Na fotografia acima, é perceptível a representatividade de elementos da cultura brasileira por meio da coreografia de matriz afro-indígena em um tempo bem próximo à publicação das Leis 10.639 de 2003 e a 11.645 de 2008, enfatizando a importância de conceber a dança em uma perspectiva pluriversal. A Escola de Dança Geraldo Pontes sempre foi vanguarda.

Essa escola traz consigo não apenas a dança enquanto expressão artística, mas concebe o corpo como parte da natureza que além de comunicar e expressar emoções e sentimentos, também produz ritmos que se revelam na harmonia dos movimentos corporais como a representatividade por algo ou por alguém, ou seja, a dança conta histórias, por isso não é à toa que a essência da palavra ‘coreografia’ significa escrever com o corpo.

Nesse sentido, Gonçalves (1994) aponta alguns aspectos sobre o corpo e esses orientam as atividades artísticas, culturais na escola de dança e para além dela, porque essa escola percebe a importância da extensão e diálogo com as escolas da Educação Básica e também em espaços de educação não formal no tocante à dança como um saber e uma Arte, importantes para o desenvolvimento humano.

- O corpo sente: o relacionamento unificado do homem com o mundo pauta-se na sensibilidade. “O corpo sente, ao mesmo tempo em que estrutura a percepção e se move”.
- O corpo expressa: a expressão é constante em nosso corpo, mesmo quando involuntária. “O corpo expressa não somente nossa história individual, mas também a história acumulada de uma sociedade, que nele imprimiu seus códigos”.
- O corpo comunica: antes mesmo da compreensão verbal, já se tem a comunicação corporal. “Como na linguagem, no movimento corporal o inteligível e o sensível se unem na produção de sentidos”.
- O corpo cria e significa: há uma criação em cada movimento corporal, que não é repetido, pois há uma diversidade de situações. “Ser capaz de captar o novo em cada situação, isto é, de atribuir novos significados e de agir criando o novo em si próprio, parece ser essência da criatividade” (GONÇALVES, 1994, p.152-153).

Abarcar em suas práticas de dança as manifestações culturais pluriversais é um dos pilares da Escola de Ballet Geraldo Pontes. O Ballet clássico é a base para isso. Assim, nas experimentações e criação das coreografias são discutidas e abordadas as experiências pessoais e coletivas em dança, como fonte de saberes para a construção de vocabulários e

repertórios próprios, comportamentos, formas de ser e sentir o mundo que nos cerca, pois como toda Arte, a dança estimula a sensibilidade e desperta para novos modos de ser e agir.

Durante as cirandas de conversas realizadas com as crianças e jovens tanto na escola de dança, quanto nos projetos desenvolvidos nas instituições escolares formais na Educação Básica e em espaços não formais de educação, há partilha de saberes para a organização da dança em si, bem como na organização de espetáculos. Por isso giram cirandas de conversa sobre a capoeira, o samba de roda, o forró, o xaxado, as danças livres e autoexpressivas, os contos literários e os espetáculos de dança clássica, a exemplo do ballet “Quebra nozes” e “Lago dos cisnes” realizado por nós.

Há um cuidado em valorizar a cultura local, regional, nacional e pluriversal, considerando a dança como uma prática artística, cultural, humanizadora e sensível. Junto a esse público, refletimos sobre a desconstrução de estereótipos, de todas as formas de preconceitos, discriminação e respeito à diversidade, sensibilizando as crianças e adolescentes para cultivarem modos de ser e agir em relação ao outro, porque cada um tem seu jeito diferente de ser. Desse modo, essa escola de ballet tem oportunizado a disseminação da Arte da dança, contribuindo com processos formativos no campo educacional e artístico, social e cultural das crianças e jovens na cidade de Juazeiro, Bahia.

A escola realizou diversos projetos sociais, atendendo crianças em situações de vulnerabilidade social e afetiva, popularizou a dança clássica em outras municipalidades a exemplo de Sobradinho, Curaçá, Carnaíba e na comunidade de Maniçoba, que pertence a Juazeiro. Entre outros projetos destaque que em 2012, a escola foi selecionada no setorial de dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia com o projeto ‘Volta ao Mundo’. Por meio de três monitores, no período de um ano, esse projeto desenvolveu atividades socioeducativas por meio de aulas de Ballet clássico e danças populares, abrangendo mais de 100 crianças e adolescentes da Fundação Lar Feliz, da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE de Juazeiro e do Centro de Referência em Assistência Social- CRAS da Malhada da Areia, bairro que apresenta infâncias e juventudes em situação de vulnerabilidades econômica e social.

Fotografia 6 – “ Volta ao Mundo”, APAE de Juazeiro



Fonte: acervo do autor, 2012

O Projeto “Volta ao Mundo” foi muito incrível e desafiador e conseguimos produzir um espetáculo com a participação de crianças tão sensíveis ávidas pela arte, pelo movimento e pela fantasia. Era puro encantamento o que resplandecia do olhar daquelas crianças e adolescentes. Todas e todos com o sonho de ser a bailarina/ser bailarino. A nossa chegada naquele espaço gerava alegria e expectativa. Elas nos queriam por perto. Elas queriam a dança, porque as atividades com o corpo levam as pessoas para outra dimensão: dançar é libertar-se.

Produzir e apresentar uma coreografia harmoniosa e muito bem marcada com os meninos e meninas da APAE, vestidos e vestidas de príncipes e princesas, naquele final de ano, no Centro de Cultura João Gilberto - como parte do Projeto “Volta ao Mundo” - foi algo de uma beleza e de emoções indescritíveis, que resultou num outro ballet na plateia - a dança das lágrimas, coreografadas pela emoção em cada olhar e sob calorosos aplausos de familiares e amigos e amigas daquelas crianças e adolescentes.

A Arte tem o poder supremo de transformar, de exaltar, de aninhar no coração as alegrias que permeiam cada conquista e, para esse público da APAE, tem o gostinho de experimentar o direito, de fato, à inclusão. É assim que venho através da Arte, nesses 35 anos, promovendo oportunidades de transformação nas alunas e nos alunos que passam pela escola, valorizando, enaltecendo, estabelecendo laços e criando momentos mágicos de grandes e inesquecíveis alegrias para elas/eles e para as pessoas que acompanharam o processo da realização dos seus sonhos. No Lar Feliz a emoção não foi diferente: um encanto.

Fotografia 7 – Projeto “Volta ao mundo”



Fonte: acervo do autor, 2012

A Fundação Lar Feliz também foi contemplada com o Projeto “Volta ao Mundo”. É uma creche que acolhe atualmente, aproximadamente trezentas e oitenta cinco crianças, desde recém-nascidas até 10 anos de idade. Funciona em Juazeiro há mais de doze anos e sobrevive de doações e de uma parceria com a prefeitura municipal. As crianças acolhidas, além do afeto - sua principal característica, recebem atendimento médico, Educação Infantil. A instituição realiza atividades com vistas ao desenvolvimento infantil por meio de oficinas extracurriculares a exemplo de música e percussão.

Por meio desse projeto, foi perceptível o encantamento das crianças com a Arte da dança, porque a experiência lúdica e corporal desperta as emoções e a imaginação, aspectos importantes para o desenvolvimento infantil. A fotografia (8 - abaixo) mostra o momento de agradecimento de Dona Maria da Ressurreição de Souza Barbosa ou como a cidade a reconhece: Tia Ressu, à Escola de Ballet Geraldo Pontes, pela presença naquele espaço, realizando sonhos de muitas crianças de dançar ballet, ainda um bem cultural incessível para a maioria das crianças empobrecidas.

Fotografia 8 – Idealizadora da Fundação Casa Lar Feliz: Gratidão



Fonte: acervo do autor, 2012

Escrever esse texto acadêmico levou-me a vivenciar essas afetividades e refletir sobre a importância de políticas públicas de acesso à cultura. O olhar brilhante e emocionado da criança que dança e daquela que aprecia o espetáculo, é inenarrável. Ao revisitar essas fotografias, novos sentimentos fizeram meu coração rodopiar. A culminância do projeto gerou a produção de 1000 DVDs do “Ballet Volta ao Mundo”, realizado no Centro de Cultura João Gilberto e distribuídos com os/as participantes e a comunidade, com o objetivo de popularizar a dança na região.

Orgulho e gratidão. São essas as emoções de afetos que sinto, associadas a muito agradecimento a Deus pela celebração dos 35 anos da Escola de Ballet Geraldo Pontes, que durante todo esse tempo, vem educando crianças e jovens em Juazeiro (Bahia) e outras cidades da região por meio da dança, aulas, palestras, projetos e espetáculos na cidade e em outros municípios baianos. Além de primar em manter uma boa estrutura física, uma equipe competente, conceitos, técnicas e metodologias de dança atualizadas, a Escola de Ballet Geraldo Pontes se preocupa em dar uma dimensão social, afetiva e cidadã as suas atividades, a fim de garantir uma formação integral a quem passa pelo espaço.

Essa instituição, em seus processos formativos, constrói seu aporte teórico-metodológico a partir de temas transversais contemporâneos, relacionando ao corpo a anatomia, cinesiologia, história da dança, musicalidade, interpretação, processos criativos,

improvisação e composição coreográfica, por meio de diferentes abordagens e técnicas. Em nossos projetos sempre houve um cuidado em estimular as crianças e jovens a se perceberem, a pensarem o corpo em sua totalidade, em suas raízes e origem, a criarem, a serem autores da suas histórias. Primou-se sempre pela escuta e sensibilidade para oportunizar a afirmação das identidades, o desenvolvimento da autoestima, o despertar para a percepção crítica e afetiva de si, dos outros e do mundo que as cercam. A escola de dança constitui-se como um espaço formativo no escopo dos espaços não formais de educação.

A educação não formal é um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o sociopolítico como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de As práticas socioculturais de aprendizagens e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como, a multiplicidade de programas e projetos sociais (GOHN, 2014, p.40).

Muitas foram as conquistas, formação de novos profissionais da dança, realização de diversos projetos de inclusão social, desenvolvimento para a formação de plateia, do gosto e do fazer artístico. Trago a narrativa de Ítalo Zazzu, ex-aluno da Escola de Ballet Geraldo Pontes, licenciado em Dança, pela UFBA, com carreira internacional

Conheci Geraldo Pontes na década de 1980, quando estive em Juazeiro para ministrar oficina de dança, promovida pela Fundação Cultural da Bahia. Já naquela época, Geraldo mostrou ser um artista com muito talento e com grande potencial para tornar-se um excelente bailarino e mestre. Como não podia deixar de ser, o destino o levou para caminhos mais longos e vitoriosos. De Juazeiro, terra de tantos outros talentos, saiu o menino em busca de seu sonho. Foi, viu e venceu. Depois de estudar e ganhar experiência ao lado de grandes mestres da dança em nosso país Geraldo retornou a sua terra natal para retribuir aos seus conterrâneos todo o amor e reconhecimento que a ele foram dedicados. Eu também cresci, mudei, estudei e ganhei experiência. Em 1988 criei o Balé Folclórico da Bahia, uma das importantes companhias de dança em todo o mundo. E voltei em Juazeiro em 2013, com o Balé Folclórico, para uma apresentação no Centro de Cultura, e dessa vez minha relação com Geraldo não foi mais de aluno e professor, mas de colegas. Encontrei naquele momento um profissional da melhor estirpe, sério, estabelecido em sua linda escola, e que nos acolheu como um cavalheiro, que, aliás, sempre foi uma de suas maiores características. Parabéns Geraldinho! A dança agradece a pessoas como você por lutarem para que nossa profissão continue inspirando o mundo a enxergar a vida de forma mais bonita, em constante movimento. Grande abraço colega! – Salvador, 07 de agosto de 2014.

Fotografia 9 – Ítalo Zazzu, carreira internacional

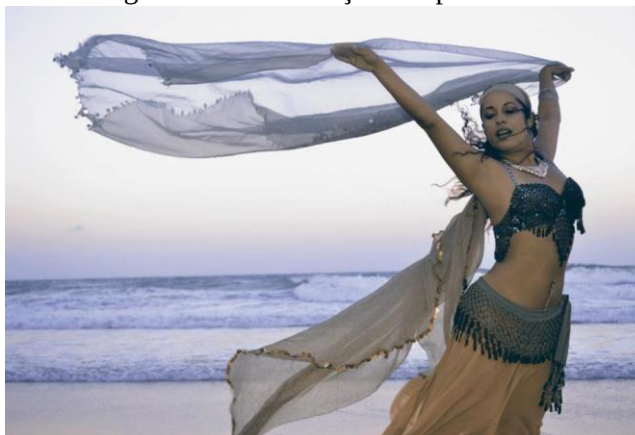


Fonte: acervo do autor, 2014

Saliento que a aproximação de nossa escola com as comunidades por meio da Educação Básica foi exitosa, ganhou notoriedade e inseriu essa escola de dança como um espaço importante na história social e cultural da cidade de Juazeiro, porque além de propiciar o acesso ao ballet clássico, desperta emoções, sonhos e realizações, como mencionou Ítalo Zazzu. Reitero que apoio da minha família e da sociedade local foi muito importante para que esse projeto da escola de ballet fosse realizado, pois a escola até o momento não recebe verbas para a sua manutenção e funcionamento. Sempre trabalhamos com patrocínios e apoio da comunidade juazeirense. Nossa escola já contribuiu com formação de bailarinos e bailarinas que hoje atuam profissionalmente no Brasil e no exterior, conforme a narrativa apresentada.

Em nosso percurso artístico, sentimos a necessidade de inserir Jazz, Dança Moderna, Dança Contemporânea e Danças Afro-indígenas. Essa tomada de decisão foi importante, porque despertou o gosto de muitas adolescentes que sonhavam, assim como eu, viver profissionalmente da Arte da dança, que é desafiadora, dada a incerteza da profissão de artista no Brasil, um país com pouca vocação aos investimentos nesse campo. Essa Arte exige disciplina, dedicação, recursos financeiros, muito estudo e sensibilidade para contar as histórias por meio do corpo.

Fotografia 10 – Dedicção e expressividade



Fonte: acervo do autor, 2014

Thereza Duarte (Fotografia 10) foi uma das ex-alunas da nossa escola que tem carreira no exterior e, de acordo com sua narrativa, reitera a contribuição da Geraldo Pontes em sua história de vida.

A Escola de Ballet Geraldo Pontes foi um grande suporte para que eu começasse a me interessar pela arte da dança. De 2003 a 2005, fui aluna da escola. No Ballet Geraldo Pontes, tive a oportunidade de iniciar e descobrir todo o potencial que tinha para a dança, Gel (carinhosamente como chamo meu professor) foi um dos grandes responsáveis em despertar meu talento, acreditando e me apoiando em todos os momentos, como professor, artista e amigo. Há dez anos, começava minha carreira a qual não tinha ideia de onde chegaria e as dificuldades que iria passar. Foram horas dedicadas às aulas, aos ensaios e aos estudos de Ballet, Jazz, Dança Moderna, Dança Afro e Dança Contemporânea. Dedicção essa que é contínua. Sou completamente agradecida a Geraldo Pontes por ter me proporcionado a grande oportunidade de estudar e ingressar na sua escola sem pagar nem as sapatilhas. Generosamente, Geraldo Pontes cedeu seu espaço e sua atenção gratuitamente para que eu pudesse aprimorar e dedicar cada dia a dança. Muito obrigado pelas lições dadas ao iniciar essa trajetória, pelo reconhecimento, pelo o apoio e orgulho exposto em suas colunas de jornais, em suas citações sobre a escola, em seus cartazes, e em tantos outros meios. Ser educado na dança com amor, amizade, companheirismo e principalmente com muito profissionalismo é algo especial, inesquecível, inefável. O meu muito obrigada a dedicação desse mestre. Sem o apoio da escola meu início de carreira teria sido muito mais difícil. É bom encontrar com pessoas dedicadas e preparadas em nosso caminho que nos presenteia com exemplo e lições como seguir um caminho e como realizar todos nossos sonhos. Obrigada a Escola Geraldo Pontes, pela confiança, carinho profissionalismo e principalmente pelo compromisso com a dança e a formação de seus alunos. Tenho orgulho de participar de todos os bons momentos da escola ainda que eu não esteja presente. Muito Obrigada. Thereza Duarte, 2014.

Essas histórias de vida demonstram a contribuição social, profissional e afetiva da Escola de Ballet Geraldo Pontes para a vida das pessoas envolvidas. Também justificam a relevância social e científica de contar essa história. Sonhos são possíveis de se realizarem e a história dessa escola comprova isso. Sempre fui encantado com as quedas ao solo, nuances do ballet contemporâneo e também com as lançadas e sapatilhas, marcas do ballet clássico. Isso me fez uma pessoa dedicada e disciplinada e com poucos recursos, organizamos espetáculos a exemplo de “Quebra Nozes” e outros.

4.1 MEMÓRIAS DE UMA ESCOLA DE BALLET: EMOCIONAR É SEU TALENTO

Dentre os mais famosos ballets de todo o mundo criados por Tchaikovsky, dois deles sempre foram uma paixão particular. Por isso mesmo, dediquei-me um ano ensaiando com a equipe de bailarinas para apresentar um deles, no Centro de Cultura João Gilberto: “O Quebra-Nozes” – apresentado na época do Natal, lembrando as aventuras românticas da menina Clara e seu futuro príncipe – o soldadinho Quebra-Nozes que, juntos e seguindo pelo caminho da Limonada chegam ao Reino dos Doces, antes que o sonho acabasse. Foi um trabalho muito emocionante e elogiado. Nesse espetáculo, a equipe deu o máximo de si pelo encantamento da história, pela beleza do cenário, pelo colorido das luzes cênicas e pela magia particular que emana do próprio palco. A plateia aplaudiu de pé, conforme relatos feitos pela historiadora Maria Isabel Figueiredo Pontes: Bebela.

Um espetáculo emocionante em que os passos leves e o meneio dos corpos expressavam, de forma graciosa, a paixão da menina aldeã por um nobre disfarçado em camponês. Como eu gostaria de mergulhar no poço-perau da poesia, transpor as lágrimas das águas infindas da semântica e escrever, descrever tudo que assisti e até participei, do acontecer deslumbrante da Escola de Ballet Geraldo Pontes. Lutas? Cansaços? Sei Geraldo que você travou e sentiu, mas saiu, emergiu e canta vitórias, e cantará por sempre, porque é inteligente, competente, determinado, compreensivo e bondoso, sabe ouvir todos os ritmos, das gradações a acontecer na vida, e dessa brilhante trajetória dos trinta e cinco anos da sua dedicação à dança que “paripassu” a música são divinas. O Jubileu de Esmeralda que estamos a comemorar é a concretização do seu trabalho, do seu labor constante presenteando Juazeiro e região com a difícil e bela arte do ballet em toda sua diversidade e plenitude (BEBELA, 2010).

A música, o cenário, o figurino, tudo composto dentro de um contexto romântico de rara beleza fez daquele ballet um marco no calendário cultural do Teatro João Gilberto. Revisitar as fotografias e reler a resenha afetiva de Bebela (acima), especialmente nas primeiras linhas,

me fortalece e me faz acreditar ainda mais que sonhos são possíveis e realizáveis. A narrativa sensível feita pela historiadora vai além da estética da sensibilidade, pois reconhece o esforço de artistas para produzirem espetáculos: “ Lutas?; Cansaços?; travou; sentiu; vitórias; determinado” (BEBELA, 2010). Emocionar pela dança sempre é o talento de Geraldo Pontes, um jovem maquiado, cheio de brilho das lantejoulas reluzentes, plumas e paetês. Ousou, dançou, enfrentou preconceito e abriu uma escola de ballet clássico nos anos setenta em uma cidade sertaneja do interior baiano. Além do “Quebra nozes”, o Ballet Geraldo Pontes realizou outros espetáculos: “O Lago dos Cisnes”, “A Bela Adormecida”, “Encontros, Desencontros, Reencontros”, “Volta ao Mundo”, “Na Magia do Palco”, “Ares Ciganos”, “O Natal de Clara”, “A Noite do Ballet”, “Cinderela”, “Nos Passos da Dança”

Fotografia 11 – Festival de Ballet



Fonte: acervo do autor, 1980

Um acervo visual construído por fotografias contam a história de Geraldo Pontes e sua escola: criador e criatura se interseccionam. Em tempos do ‘preto e branco’, porque a revelação de fotografias coloridas tinha um custo elevado. A Fotografia 11 apresenta Geraldo Pontes, jovem dançarino. Estas que seguem, mostram o professor Geraldo Pontes, que oportuniza outros corpos brilharem, alongarem, se autoexpressarem e emocionarem.

Fotografia 12 - Alongamento



Fonte: acervo do autor, 2011

O jovem olha-se no espelho e vê no seu reflexo uma real possibilidade de brilhar nos palcos, como aconteceu com seu mestre. Eu, olhando aquele corpo masculino e disciplinado, que sucumbe a dor física em nome da autoexpressividade de um corpo que se quer dançante para contar uma história e encantar quem aprecia,, trago minhas lembranças mais sensíveis: eu já estive ali, fui e venci. Eu me percebo como inspiração e me emociono!

Ballet Geraldo Pontes: 35 anos de grandes desafios, mas também de muitas alegrias pela constatação de ter realizado meu sonho de encantar nossa gente, através da dança. Escola e bailarino: uma coisa só. Uma história que se entrelaça. Uma não vive sem o outro tal a paixão intensa que nos une. Escola e bailarino continuam perseguindo, afinados com o dizer de Lewis Carrol (2010), acreditando na possibilidade de fazer o que, aparentemente, parecia impossível: sonhar e se realizar pessoal e profissionalmente por meio da dança. Eu poderia ousar, que parece ser a minha marca, e dizer que hoje que são novos tempos. Em uma sociedade racista, homofóbica, desigual e produtora do empobrecimento como a nossa, já é perceptível um debate social sobre respeito às diversidades. Ensaiam-se tímidas políticas públicas por meio de editais.

Mesmo na tensão dos discursos de ódio, percebemos que as populações estão mais sensíveis em relação a muitas questões interditas (linguagens e comportamentos) nos

anos que iniciei esse movimento dançante, sistematizado por meio de escola de Ballet clássico na cidade de Juazeiro – Bahia.

Fotografia 13 – Ballet “Quebra Nozes”



Fonte: acervo do autor, 1994

Nesse documento visual (Fotografia 13) pode-se observar a técnica e a leveza do corpo que, às vezes mesmo com dor provocada pela sapatilha de ponta, se esmera para construir um movimento com a maior precisão que a profissão exige.

Ainda guardo na memória e coração aqueles espetáculos que você apresentava no saudoso Cine Teatro São Francisco. Você, um adolescente a nos emocionar, encantar com trabalhos tão bem elaborados, sem falhas, sem gafes e com “performances” belas de se ver, aplaudir e lembrar por sempre e para sempre. Montar e apresentar o Quebra Nozes, o Giselle, a Bela Adormecida e outros com tanto esplendor aqui na nossa cidade com todas as limitações de palcos, carências outras não é para muitos. Você com toda sua arte percipiente competência e perfeccionismo realizaram e realizarão. E Juazeiro e a região genuflexa agradecem. Que Deus, e nossa excelsa padroeira Nossa Senhora das Grotas o abençoem hoje amanhã e por sempre o conduzindo a trilhar novos caminhos repletos de vitórias. Parabéns! Sua sempre tia, Maria Izabel Figueiredo. Historiadora e folclorista (BEBELA, 2010).

A minha dedicação intensa à Escola de Ballet Geraldo Pontes sempre emociona a historiadora Bebela, que se dedica a resenhar e disseminar palavras de reconhecimento ao nosso trabalho ao escrever: “Montar e apresentar o Quebra Nozes, o Giselle, a Bela Adormecida e outros com tanto esplendor aqui na nossa cidade com todas as limitações de

palcos, carências outras não é para muitos. Você com sua arte[...] realizaram (BEBELA, 2010).

Trago nessa narrativa autobiográfica e acadêmica, a história dessa escola como uma forma de afirmação dos meus sonhos que se realizaram e marcaram a história da Arte, cultura e dança no município de Juazeiro. Outro aspecto que considero importante neste trabalho é a oportunidade de contar que, mesmo sem ter consciência sobre os discursos e práticas de ‘respeito’ às diversidades, eu precisava tirar de dentro mim força e sensibilidade para seduzir as pessoas a partir produções artísticas e isso era tão mágico que terminava silenciando qualquer menção negativa sobre esse corpo maquiado e de sapatilhas, caminhando pela Travessa Benjamim Constant – da minha casa para a escola de dança.

Essa é uma rua estreita, povoada de pequenos comerciantes e bem frequentada, porque lá estava a tradicional Padaria Flor de Juazeiro, além de ser o corredor que liga região do estádio Adauto Moraes até o centro da cidade. Nossos espetáculos encantavam, então, qualquer ruído se perdia no ar, para que as narrativas de incentivo e de aplausos tivessem ‘a batida’ mais forte.

4.2 DA PONTA DA SAPATILHA À PONTA DA LÍNGUA: E O QUE DIZEM SOBRE NÓS?

Nessa seção nos dedicamos a fazer uma escuta sensível acerca do que as pessoas dizem sobre criador e criatura: Geraldo Pontes e sua Escola de Ballet. Bakhtin e Volchonóv (1995, p.95) dizem: “Assim, na prática viva da língua [...] não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc”.

É com essa expectativa de saber um pouco mais sobre esse universo de corpos que se movimentam com ou sem suas sapatilhas de ponta, que apresento, por meio de cartas e outros modos de narrar, o que dizem sobre nós que temos investido esforços pelo prazer de realizar produções artísticas no campo da dança na cidade de Juazeiro, semiárido baiano.

Iniciamos com uma edição do Jornal Diário da Região, publicado no período entre Sábado/Segunda feira, dias 07/09 de maio de 2005 que dedicou quase uma página inteira

para falar de nós. A reportagem destaca os 15 anos do Concurso de Beleza Victor Vitória. O texto constitui-se pelo verbo-visual com destaque para as pessoas Geraldo Pontes, Elke Maravilha e Rogéria. Usamos a palavra ‘pessoa’ em homenagem a Elke Maravilha que sempre dizia: “Eu nunca fui mulher, sempre fui uma pessoa. Nunca permiti ser chamada de mulher” (s.r). Há no título do texto um destaque para o verbo “encantando” empregado em sua forma nominal no gerúndio que expressa uma ação contínua atemporal.

Figura 2 – Página do Diário da Região



Fonte: acervo do autor, 2005

A construção desse enunciado nos permite compreender a importância que tem a escola de ballet a partir do evento “Concurso de Beleza Victor Vitória”, primeiro porque está completando uma década e meia, está na sua festa de debutante - o jornal se sente na responsabilidade de apresentar esse evento para leitores/leitoras, ressaltando o encantamento que esse acontecimento artístico de travestidos tem provocado na cidade de Juazeiro e região a partir dos espetáculos que realizamos.

Há um encanto em que é partícipe – corpos travestidos, que ganham visibilidade e há um encanto também de quem aprecia.

Figura 3 – Concurso Victor Victória



Fonte: acervo do autor, 2018

Nesse dispositivo de leitura verbo-visual (Figura 3), percebemos a alegria, beleza e entusiasmo das pessoas envolvidas no concurso. É possível observar Geraldo Pontes e as marcas que o tempo desenha em nosso corpo. Mas, tem algo que fotografia nenhuma consegue traduzir com sua lente-luz: o brilho intenso do meu olhar, um corpo travestido, que tem a dança pulsante nas entranhas. Respiro e vivo a arte-dança.

Marcio Fabiano, em seu texto (Figura 3) discorre sobre o espetáculo considerando-o como “ato de resistência amorosa dessa cidade [...] E, num gesto tão generoso apresentar a beleza e o glamour de quem não tem vergonha de viver como bem quer. [...] Que graça tem viver sem isso?”. Nesses enunciados, ele deixa escapar a sublime importância social e política que tem esse concurso em que não são apenas a ‘beleza e a desenvoltura’ os elementos principais. A resistência amorosa nos diz muito sobre a oportunidade que esse evento oferece de visibilidade aos travestidos e sua expressão de afeto; palco aberto para profissionalização; espetáculo que acolhe e liberta, em uma cidade que há bem pouco tempo, quase não tinha o que oferecer como Arte, profissionalização e entretenimento para os corpos travestidos. O autor encerra seu texto desejando vida longa para Geraldo Pontes, alegria para Victors e glória

às Victórias. Direito ao respeito, à alegria, direito ao direito de viver. Essa é um das contribuições afetivas e sociais desse concurso.

Compreendo que é preciso sempre nos autobiografarmos. Temos a ousadia de revisitar nossa trajetória e refletir sobre as vivências e aprendizagens. Porém é bom também sabermos quem somos a partir do outro que nos observa e nos constitui socialmente por meio de suas práticas discursivas. Nesse sentido, trazemos um registro documental literário. A professora Esmelinda Pergentino, incentivadora das artes e madrinha da Escola de Ballet Geraldo Pontes, escreveu em 1980 a crônica intitulada “Viva a arte em Juazeiro”, que foi apresentada na Rádio Juazeiro AM, no programa: ‘E nós, para onde vamos?’. A crônica teve uma grande repercussão na cidade.

Viva a Arte em Juazeiro

Esmelinda Pergentino

Quando o brotar da Arte faz primavera no coração do artista, as formas da escultura delineiam-se quase perfeitas, no encontro esplendoroso com o Belo; as cores são vida em plenitude e as sombras, os recantos de guarida, buscando a totalidade no encontro que atinge as emoções. Quando o brotar da Arte faz primavera no coração do poeta, as palavras dançam acariciando a saudade, cantando e eternizando o amor, enlevando-se em suave sonoridade e até fazendo música quando entoam nostalgia...

No coração do bailarino, o brotar da Arte faz primavera na intimidade da alma com os sentidos extasiados, buscando na dança o encontro com a plenitude, fazendo que os sentidos conheçam outras emoções tão salutares ao espírito...

Nas águas misteriosas do grande rio que reflete nossas vidas e nossas noites, espelham aqui e ali os resquícios luminosos do grande manancial artístico que faz primavera em muitos corações de Juazeiro, fazendo brotar aqui e acolá belas esculturas, lindas pinturas, o palpitar da vida ribeirinha colhida numa fotografia de beleza singular, a dança mágica das palavras, fazendo verso e cantando a vida...

Nas águas do Lago dos Cisnes, vimos, naquela noite de agosto, os reflexos luminosos da Arte de Geraldo Pontes que, no rodopiar de seus passos, no meneio de seu corpo, na coreografia de seu ballet, quis oferecer aos amantes do belo alguns momentos de intimidade com as emoções de prazer que o espírito experimenta sempre que é estimulado pela beleza através dos sentidos. Sua imagem bonita, serena, autêntica, plena de vitalidade, revela a

consciência de que o ballet está dentro de si mesmo, entoando o canto da musa que o fará buscar, sempre e intensamente, aquela perfeição a que aspiram todos os artistas. E assim, a primavera floresce em seu coração, quando ele pisa o palco com a leveza de um pássaro e a segurança de um profissional.

Geraldo está lutando e vencendo o marasmo de desencontros que tenta sufocar os valores artísticos de nossa cidade. Encontrá-lo-emos diariamente, num encontro saudável com a inspiração, buscando transmitir às meninas que frequentam a Escola Nureyev, o amor à dança, tentando aperfeiçoar lhes os passos e os gestos para levar a público, logo mais, em outubro, o Ballet “A Cigarra e a Formiga” e, em dezembro, o “Ballet Azul”.

Enquanto isso, alguns arautos levarão a ele a notícia de que o povo vai receber, de coração aberto, os outros espetáculos que virão. E ele ouvirá dizer, também, para sua alegria, que aquele público infanto-juvenil que está acostumado a tumultuar qualquer espetáculo, por mais sério e por mais lindo que seja não procederá mais desta forma, terá outra postura, visto que os adultos haverão de informar a essas crianças e jovens sobre o valor da Arte. Quiçá ele possa receber a notícia alentadora de que, doravante, o poder constituído dará um apoio mais substancial para a realização de novos espetáculos. Afinal, como num toque de mágica, a Arte surge nas mãos, nos pés, na mente e no coração dos artistas, tornando a vida mais bela, assim também, possa a realidade em que vivemos marchetar-se de leves e lindos tons de esperança às margens das águas misteriosas do grande rio.

Nessa crônica, a autora chama a nossa atenção para a responsabilidade da família e das pessoas adultas, em geral, debaterem a importância da Arte e os corpos que dão vida às narrativas nos espetáculos, quando diz:

E ele ouvirá dizer, também, para sua alegria, que aquele público infanto-juvenil que está acostumado a tumultuar qualquer espetáculo, por mais sério e por mais lindo que seja não procederá mais desta forma, terá outra postura, visto que os adultos haverão de informar a essas crianças e jovens sobre o valor da Arte (PERGENTINO, 2010)

Diversos festivais de dança foram apresentados no Cine Teatro São Francisco e era sempre uma alegria poder socializar com as famílias e a comunidade o resultado das atividades que essa escola de ballet desenvolvia anualmente com os/as alunos/ alunas. Alguns festivais, além de números de Ballet clássico, apresentavam outras linguagens como a Dança Moderna, Jazz, Danças Afro-indígenas, além dos musicais e teatro de revista, com atores bailarinos travestidos. Isso era algo que encantava a professora Esmelinda Pergentino.

O Ballet Geraldo Pontes estreitava laços e aproximava pessoas. Isso nos oportunizava realizar confraternizações no aconchego das casas das pessoas que apreciavam nosso trabalho.

Figura 4 – Marta Luz Benevides

Juazeiro, 27.08.80

Geraldo:

Embora já passados alguns dias, quero parabenizá-lo pelo espetáculo que apresentou no final passado de semana.

!Acho que você faz milagre com suas alunas, pois, não obstante o pouco tempo de estudo de dança, da maioria, não obstante a falta de talento, de leveza, etc, de tantas, você consegue levá-las a uma intimidade com o balê a ponto de apresentar qualidade, e boa qualidade, como no!A/MORTE DO CISNE.

Expresso-lhe, por isso, minha admiração.

Houve falhas, e você sabe disso, mas com tantas dificuldades que sei que enfrenta, pelo menos para mim elas desaparecem. É uma grande pena que sua roupa lhe tenha atrapalhado tanto os movimentos e expressão, na primeira parte. Contudo, apesar disso, você esteve excelente. E, na segunda parte, nem sei dizer: foi além disso. É incrível como você tem crescido em leveza'!!!.

Quanto a Andara, gostaria que fizesse chegar até ela o meu encantamento e vibração: ela está uma coisa linda, e aquela menina não pode parar - tem um talento muito especial para o balê clássico!

O Farias Junior - Nossa ! - em seu estilo, a gente pode dizer que ele é divino. Que capacidade fora do comum tem aquele rapaz para dançar com altíssima jogo de expressões corporais e faciais! Adorei/vê-lo dançar!!!

São motivos de sobra para parabenizá-lo, Geraldo.
Vá em frente!

Os horizontes são infinitos para você !


Marta Luz

Fonte: acervo do autor, 1980

Fotografia 14 – Confraternização do ballet



Fonte : acervo do autor, 2001

Salve o Ballet Geraldo Pontes – uma história de ritmo, movimento, luz e cores – floreando a esteira do tempo de Juazeiro! (Esmelinda Pergentino Calazans Nunes, Madrinha da Escola de Ballet Geraldo Pontes.

Para além das confraternizações, as pessoas dedicavam-se a contar nossa história. A seguir, apresento nuances da história de vida que se entrelaça como a nossa: Geraldo Pontes e sua escola, a partir das memórias do sensível estudioso e pesquisador Dr. Luiz Alberto Ribeiro Freire, Professor de História de Arte da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Unidos pela arte em uma cidade encantadora

Nascemos no mesmo ano de 1962 e na mesma cidade de Juazeiro da Bahia, importante porto fluvial do Rio São Francisco, parada obrigatória para os que subiam ou desciam o rio. Nossos pais eram muito amigos, a ponto de se tornarem compadres, Almira e Washington Pontes deram Geraldo Pontes para José Alberto Leite Freire e Maria Alice Ribeiro (Marli) batizarem. Ambos se tratavam como minha comadre e meu compadre com orgulho desses laços. Como se não bastassem convivemos, eu

(Luiz Alberto Ribeiro Freire) e Geraldo Pontes e muitos outros amigos, quando moramos na Rua Melo, ambos com 6 anos de idade.

Fotografia 15 – Almira Pontes



Fotografia 16 – Marli Ribeiro



Fonte: acervo do autor, 1978

A Juazeiro desse tempo (1967 – 1977) era uma cidade repleta de manifestações culturais de raiz e dos inúmeros artistas que nela despontavam e atuavam. Tínhamos múltiplos estímulos estéticos que começavam em casa no convívio com nossas mães, D. Almira era exímia bordadeira, confeitava bolos artísticos, costurava e possuía um apurado gosto, minha mãe (Marli Ribeiro) era professora por formação, bordava, costurava e pintava sobre tecido e sobre tela. Estávamos sempre a volta de nossas mães quando desses labores, apreciando, ajudando, opinando e assimilando o apuro estético.

Na Rua Melo iniciamos nossas atividades artísticas reproduzindo na garagem da casa de Dr. Edson Ribeiro, meu avô por consideração, os números circenses que víamos no Circo Teatro Show, da família de Seu Maru, em que se destacava sua filha, a bela rumbeira Margareth e os dramas, histórias de amor e de cunho moral, encenados depois das atrações. Mobilizávamos toda a vizinhança e a meninada toda se envolvia nos ensaios, nas apresentações e na venda dos ingressos. Geraldo Pontes dançava a rumba, eu fazia o mágico, Edna Maria a trapezista, meu irmão José Alberto era o apresentador do circo. Contávamos sempre com a cumplicidade de Mãe Dinha (Edna Ribeiro) que viabilizava nossas artimanhas.

Onde quer que morasse, Geraldo e eu estávamos sempre convivendo e dividindo cumplicidades estéticas. Acompanhávamos e criticávamos os eventos da cidade: desfiles das escolas e colégios, com destaque para os desfiles do Educandário São Francisco de Joaquina Ramos, repletos de carros alegóricos bem elaborados e criativos; os andores da padroeira de Juazeiro, Nossa Senhora das Grotas, o reis de boi de Bebel e Orlando Pontes, as peças encenadas no Teatro Brasinha e os filmes que assistíamos no Cine Teatro São Francisco.

Assistíamos as várias manifestações da cultura popular, a marujada, os pastoris, corridas de argolinha, os reis de boi das fazendas, as rodas de São Gonçalo, os recitais de piano da professora Judite Palma, as quadrilhas de São João e ouvíamos atentos as lendas sobre os seres fantásticos que habitavam o rio e as matas da caatinga. Algumas dessas encenações repetíamos em casa com a assistência dos vizinhos.

Nossos interesses por arte reclamavam mais do que a cidade oferecia, passávamos horas folheando uma enciclopédia da José Olympio, O Mundo da Arte, que pedira a meu pai de presente de aniversário de 15 anos. Cheguei a frequentar aulas de pintura com um pintor modernista estabelecido em Petrolina, Almir Moura, que assinava Amoura.

Geraldo há muito tinha despertado para a dança através da rumba, mas foi a influência dos Secos & Molhados, principalmente de Ney Matogrosso, que o impulsionou a imitá-lo no gestual, na dança e nas fantasias e adereços. Ney era o artista completo, que unia todas as artes com irreverência e gostosa estranheza.

Aprendeu Balé Clássico através do pouco que mostrava a televisão brasileira da época e pelas revistas, repetindo os movimentos, as formas e posturas. Um começo completamente autodidata em uma cidade onde quase nada se falava nesse tipo de dança, nem tampouco tinha recebido apresentações do gênero. Descobriu então que possuía qualidades físicas propícias a um bailarino: altura, excelente abertura e elevação das pernas, muita flexibilidade e capacidade de alongamento, força para os saltos e preparo muscular adquirido nos exercícios físicos escolares e na natação.

Em 1978-1979, no centenário da cidade, participou como bailarino convidado nos Festivais de Ballet de Juciara Campelo e Helena Palma. O próximo passo foi a fundação da Escola de Ballet Nureyev, empreendimento que marcou a vida cultural juazeirense, revelou talentos e educou artisticamente as novas gerações.

As atividades da Escola Nureyev foram interrompidas em 1982, em função de cursos de aperfeiçoamento realizados em Campinas, São Paulo, com o apoio de seu tio paterno, Osvaldo Pontes. Lá fez Ballet Clássico com Alfredo Caruso, professor titular de ballet do Teatro Collón de Buenos Ayres. Trabalhou com a família Raia (Cláudia Raia) e ensaiou o Lago dos Cisnes no Ballet Lina Pentead, sob a direção coreográfica da bailarina Ady Adoor, deixando de integrar o elenco desse bailado para realizar o Curso de Dança da Universidade Federal da Bahia.

De 1983 a 87 cursou a Escola de Dança da UFBA e logo que se formou, retornou à Juazeiro atraído pelo amor materno e pela missão de difundir o ensino da dança na região. Em 1987 reiniciou os trabalhos pedagógicos no Centro de Cultura João Gilberto e em seguida abriu a Escola de Ballet Geraldo Ponto na sua sede própria, onde se encontra até essa data (2014).

A escola tem nesses 35 anos educado crianças e revelado talentos que se profissionalizaram realizando cursos universitários de dança, que atuam como dançarinos na região e no exterior. É certo que se Geraldo Pontes resistisse a saudade materna e tivesse ficado em São Paulo trilhando os caminhos profissionais mais superiores da dança no Brasil, teria conquistado lugar de destaque nacional, dançando nas prestigiosas companhias paulistas, ou quem sabe, conquistado uma companhia no exterior, pois reunia todas as condições para isso.

Sua opção pedagógica garantiu a presença dessa arte em uma região que só perdeu culturalmente nesses anos todos que separara nossa meninice da atualidade, garantindo assim uma outra experiência estética para o vale do São Francisco.

Continuamos irmanados na carreira pedagógica, ele, ensinando a dança, eu a História da Arte.

Juazeiro, 11 de agosto de 2014
Dr. Luiz Alberto Ribeiro Freire,

Fazer um trabalho autobiográfico para academia é muito desafiador, primeiro porque é preciso cuidar do estilo muito peculiar que essa esfera social exige. É preciso aparar arestas que deixam escorregar a subjetividade poética de um ser que dança. Além disso, ao pegar a caixa de fotografias, é impossível não evocar as memórias afetivas e tensionar uma luta interna, querendo homenagear todas as pessoas que estiveram conosco, compondo os passos dessa história. Ressalto que todos os dispositivos de leitura verbo-visuais presentes neste trabalho fazem parte da minha história de vida e da escola de ballet. Essa é uma característica importante, quando optamos pelo paradigma qualitativo e a metodologia da autobiografia. Apresento a seguir, algumas pessoas e suas impressões sobre Geraldo Pontes e sua escola, adquiridos por ocasião da produção da Revista 35 anos de Ballet Geraldo Pontes, publicada em 2014.

Eu só tenho boas recordações, foram 5 anos de muita dança, amigos que conquistei. Geraldo Pontes me apresentou a dança e também me deu a oportunidade de ser professora do *baby class* em Sobradinho; na época uma de suas unidades. Contribuiu demais pra minha formação como profissional, técnica. Sem disciplina não se forma um bailarino. Hoje viajo o mundo todo, representando o Brasil. Obrigado por ter feito parte de minha vida gel, me ajudado a abrir janelas e conquistar sonhos, pisar em lugares que nunca, pensei conquistar; meu carinho mais que especial ao Ballet Geraldo Pontes.

Tereza Duarte, 2014

Fotografia 17 – Walson Botelho, diretor do Balé Folclórico da Bahia



Fonte: acervo do autor, 2014

Juazeiro, cidade querida, de grandes artistas e amigos inesquecíveis. Um deles é Geraldo.

Gel era como eu o chamava. Aluno talentoso, aplicado e pioneiro, com quem tive a sorte e o prazer de conviver. Lembro-me como se fosse hoje, do *pas de deux* que coreografei para você e Amenaide Cristo, com música de Chico Buarque “João e Maria” no Festival de Ballet em 1978. Ao final da apresentação, a plateia ovacionou aquele jovem bailarino que iniciava uma linda carreira. Bons tempos aquele...

Hoje, quero parabenizá-lo pelos 35 anos de sua escola. Por essa conquista que é fruto de muito trabalho, determinação e força de vontade. Você é um vitorioso!

Vavá Botelho, Fundador e diretor geral do Balé Folclórico da Bahia

Selecionar fotografias com o propósito de documentar requer critérios de escolhas afetivos e técnicos. Confesso que foi muito difícil fazer esse recorte em minhas lembranças. Segue, por meio das palavras de Jailson Lima, Especialista em Dança pela Faculdade Angel Vianna, Supervisor de Cultura do Serviço Social de Comércio, SESC de Petrolina – Pernambuco Diretor da Cia de Dança do SESC e da Cia Qualquer Um dos 2, suas impressões sobre nós.

Fotografia 18 – Jailson Lima



Fonte: acervo do autor, 2014

Quando descobri que a dança era a minha escolha de vida, procurei uma referência nessa linguagem, isso lá nos idos dos anos 90. Assim, encontrei o Geraldo Pontes que com sua generosidade, me acolheu na sua escola para fazer algumas aulas. Nessa época, eu dirigia o Batuk-ajé, grupo formado por jovens que sonhavam em viver profissionalmente da dança. Quase não havia espaços para poder expressar a nossa arte, por isso, participar de um evento de dança era um desejo para todos nós. Assim fomos convidados várias vezes para participar dos festivais promovidos pela Escola de Dança (Ballet) Geraldo Pontes e o nosso grupo começou a sua “Volta ao Mundo”.

Então, para mim que atuo na dança há 30 anos, hoje é um privilégio olhar para o passado e poder reconhecer, reiterar a importância dessa escola na minha formação artística. Parabéns Geraldo Pontes! Continue acreditando e investindo no seu sonho, porque, assim como a vida o movimento não para.

Jaílson Lima

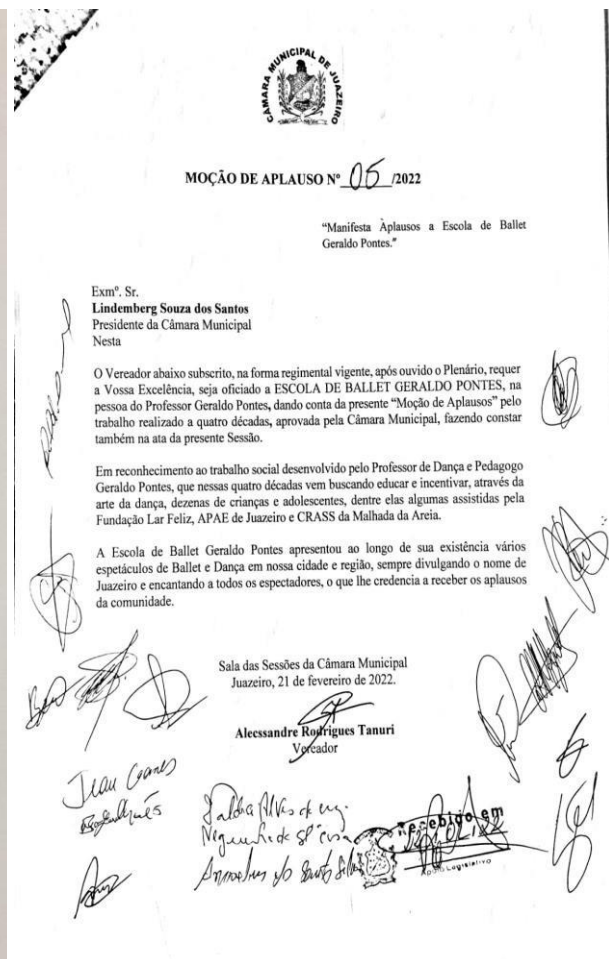
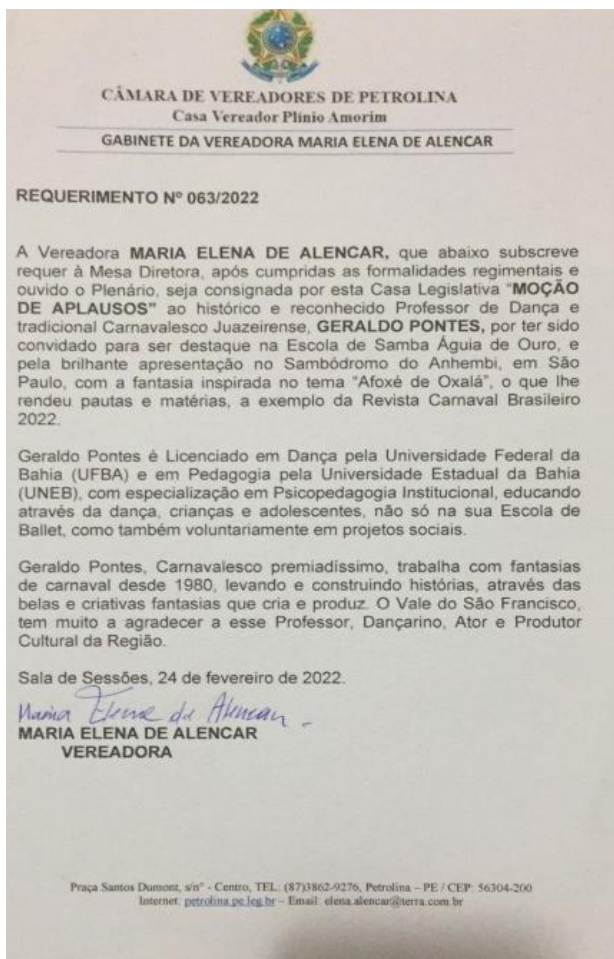
Para concluir essa sessão, apresento alguns documentos verbo-visuais que registram homenagens de reconhecimento ao nosso trabalho em prol da cultura, especialmente por ser eu o protagonista de muitos espetáculos na vida e na arte: um corpo travestido sensível, mas com potencial para romper barreiras pela conquista de legítimo direito de ter direito à Vida!

Figura 5 – Comenda Barão Homem de Melo



Fonte: acervo do autor, 2022

Figuras 6 e 7 – Moção de Aplauso



Fonte: acervo do autor, 2022

Compartilho aqui, também o que compreendo de mim mesmo.

Sonhos não tem preço!! Acredite nos seus sonhos, o resto é consequência. Colhemos frutos, depois da labuta, regamos sonhos, aplausos e conquista, depois de um trabalho árduo, com dedicação, perseverança e determinação. A arte me salvou, me transformou e com mais de 40 anos quebrando paradigmas e preconceitos, hoje ainda encontro e alimento a criança que ainda existe em mim.

Geraldo Pontes, Barão e Arte educador, 2022

4.3 CORPOS TRAVESTIDOS, LIBERDADE E AUTOEXPRESSÃO: INSUBMISSÕES EM VICTOR VICTÓRIA.

A Escola de Ballet Geraldo Pontes, desde a década de 70 nos seus festivais anuais, apresentava espetáculos de dança e teatro musical com travestidos, ou seja, corpos que se vestem como pessoa do sexo oposto. No campo das Artes, especialmente na dança-cênica, é possível ter um corpo travestido, hétero ou não. Também pode acontecer que se tenha um corpo que se autoexpressa e alcança seu estado de felicidade, liberdade e acolhimento apenas quando está travestido no universo artístico. Esse é um debate importante, complexo e urgente que precisa ser feito para que as pessoas travestidas tenham, assim como todo e qualquer ser humano, seus direitos legítimos garantidos.

As questões de gênero estão presentes nas humanidades desde sempre, entretanto, sempre foram também interditadas e apagadas, em nome da moral e dos ‘bons costumes’ definidos pelo Estado, pelas Igrejas, pela Família e Escola, instituições de poder que sempre conceberam a sociedade a partir de uma perspectiva hegemônica, onde não cabiam/cabem as diversidades com suas discussões sobre gênero, cultura, etnia, religiosidade, linguística, Artes e outros conceitos inerentes à vida humana. Insistir em violentar e apagar o fenômeno da diversidade é uma tentativa vã do Capitalismo e suas instituições. Quando a dança foi concebida como ‘pecado’ e proibida nas comemorações sagradas no período medieval, as pessoas não dançavam em público e nas festas religiosas, mas a dança estava presente nas festas realizadas em suas comunidades, principalmente a ‘Carola’, dança na roda, do toque físico e da alegria (BAZZOTI, 2022).

É uma prática típica dos sistemas econômicos sempre pautados no capital-lucro não considerar a terra e seus recursos naturais, bem como os humanos e seus modos de vida, pelo contrário, esses só lhe servem como meio de exploração, porque para o capital financeiro, a economia e o lucro estão acima das humanidades e suas minorias. O espaço da Arte é o das estéticas e prima pela sensibilidade e respeito aos corpos e às culturas que os envolvem. É o campo do acolhimento, do respeito e das liberdades.

A Arte é libertadora e deve ser um bem cultural acessível e democrático. Ao Capitalismo interessa a submissão e subalternidade dos corpos. As Artes têm uma força e colabora com a ruptura dessa lógica, pois é insubmissa.

O corpo e a dança falam com uma incrível potência. Na minha adolescência, à medida que eu adentrava ao universo das Artes, a dança não era apenas autoexpressão, era uma estética com uma pregnância em meu ser. Muitas vezes eu ouvia de minha mãe: “Eu nunca vou me acostumar a te ver assim.”. E eu dizia: “Eu sou assim. E a única coisa que sei e quero fazer é isso: dançar e ser assim”. A palavra ‘assim’, vindo de minha mãe, referia-se ao meu modo ‘afeminado’. E o meu ‘assim’ era o silenciamento, diante de minha mãe, do ser que ia desenhando o jovem Geraldo Pontes. A voz doce e firme de minha mãe refletia o discurso social e historicamente produzido sobre esses corpos não héteros, não aceitos e vítimas de violências físicas e sociais a todo o momento. Tempos depois, minha mãe, Maria Almira Correia Pontes, exímia bordadeira, era a minha modista e estilista. Construindo outras referências a partir da arte-viva em nossa casa, passou a apreciar o talento do filho Geraldo Pontes. Vivia a tecer as minhas fantasias artísticas, junto a mim, para as apresentações. Vivia a tecer a minha história.

A Escola de Ballet Geraldo Pontes proporciona aos corpos travestidos a liberdade, o acolhimento, a visibilidade e autoexpressão por meio de insubmissões com as edições do evento ‘Victor Victória’. Essa escola tem o talento de emocionar as pessoas que se permitem apreciar nossas produções artísticas. Dessa maneira, a sociedade juazeirense vai aos poucos se rendendo à estética dos travestidos. O final dos anos 1980 foi uma época que não havia sensibilidade para o respeito à diversidade e tão pouco discussões e políticas públicas para se acolher, respeitar e garantir direitos a esses corpos travestidos. Para esses, restavam o estigma e o estereótipo de um corpo ‘viado’.

Fotografia 19 – Festival de Ballet



Fonte: acervo do autor,

Essas e outras palavras correlatas, supracitadas, eram/são violentas e naturalizadas, porque vivemos sob a égide de sistema capitalista perverso e desumano que impõem às suas instâncias de poder nas esferas econômica, jurídica, religiosa cristã, familiar e escolar, as regras do ‘bem viver’ pautadas em uma sociedade eurocêntrica, patriarcal, racista, homofóbica, católica e evangélica que pretende, com seus discursos de ódio ou de generosidade, apagar corpos travestidos, pretos, empobrecidos, candomblecistas e seus modos de ser, estar, sentir e se relacionar no mundo.

Insubmissa ao seu contexto territorial, nossa escola de ballet cria o “Victor Victória”, um projeto pioneiro e inovador no semiárido baiano, cujo objetivo é produzir Artes implicadas, tecida por uma política cultural de oportunizar e valorizar artistas, independente da sua orientação sexual, até porque, eu sendo o diretor artístico do evento, tenho a minha sexualidade resolvida. Fui Miss Bahia em Salvador, representando minha cidade, Juazeiro-Bahia. O evento aconteceu no Teatro Vila Velha, em 1982, uma produção de Di Paula.

No “Victor Victória” as performances artísticas eram imitações das cantoras e divas que tínhamos como referência: Liza Minelli, Carmem Miranda, Marylin Monroe. A Arte pode ser uma janela por onde olhamos e nos vemos nos outros, a janela que nos permite sonhar com a humanidade e, apesar das adversidades, desejar o céu, o paraíso, o eldorado, o nirvana, a terra sem males, a utopia (PEREIRA, 2006).

É um comportamento culturalmente produzido associar a figura masculina no ballet à homossexualidade, porque vivemos em um sistema patriarcal, que necessita de noções estáveis de masculinidade para reafirmar e manter seus “estados de poder”, político e social, ou seja, “captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações [...] Em outras palavras, captar o poder na extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício (FOUCAULT, 1989, p.182)”. A sociedade compõem seus arquivos sociais sobre essas questões e o efeito disso é a presença masculina ser considerada ‘desproporcional’ nos espaços de dança profissional, porém os discursos produzem preconceitos, mas também podem desconstruí-los.

De acordo com Burt (1995), não foi a atividade da dança em si que deslanchou o preconceito para com o bailarino do sexo masculino, mas sim a problemática envolvendo a exposição e espetacularização do corpo masculino, já que as danças sociais não apresentaram

declínio evidente de seus participantes masculinos, apenas a dança cênica. Enquanto as mulheres conquistavam seus espaços e se afirmavam com artistas, criando outras possibilidades de interpretações, indo de encontro à rigidez do Ballet clássico e inserindo-se nesse universo artístico, o homem levou um tempo para se afirmar e ousar. Era necessário manter a figura máscula e viril, sempre dando suporte as bailarinas, uma vez que a imagem do homem na dança era sempre questionada em relação a sua sexualidade e gerava preconceito, por causa do patriarcalismo.

Artistas da dança que não são brancos, homens, heterossexuais ou financeiramente privilegiados tem que fazer representações diferentemente, a fim de expressar seus pontos de vista, seu senso de identidade ou seus valores culturais na dança cênica. A fim de fazer o espectador ver gênero, raça, sexualidade ou outros componentes de identidade, diferentemente, é necessário desconstruir aquelas convenções e tradições que, em seus efeitos, mantém esse status marginal e de opressão desses artistas da dança (BURT, 1995, p.39).

Em meio a esse movimento que tensiona a sexualidade de homens bailarinos, eu apareço na contrapalvra desse debate: ainda adolescente, com 16 anos de idade, filho de uma família tradicional juazeirense de classe média, com mais cinco irmãos, dançando e usando sapatilha de pontas, maquiado, travestido, seminu e com a boca pintada de batom vermelho. Tinha como referência o circo que meus pais me levavam na infância para assistir aos espetáculos. Eu queria ser aquilo: Um artista circense! O artista que voava pelas fitas!

Minha casa era uma casa de Arte. O grupo de Teatro Juá era dos meus tios Orlando Pontes e Bebela que nos emocionavam com seu Reis de Boi, Auto natalino, as peças teatrais que o grupo apresentava no Cine Teatro São Francisco. Em seguida, a minha volta, surge o grupo Êxodus, com: Coelhão, Tatau, Julhão, Zeinha Expeditinho, José Maurício, Mauriçola, Jairon, Sérgio Ramos, Carlinhos Alencar e outros. Esse grupo escrevia os textos e as canções e se apresentava nos festivais da Associação Universitária de Juazeiro – AUJ – em um espaço cultural chamado Brasinha, situado ao lado da Catedral Nossa Senhora das Grotas, em Juazeiro. Era um grupo aberto e outros artistas faziam parte de algumas produções. Participei também nas decorações de Carnaval na Sociedade Apolo Juazeirense.

Eu e alguns rapazes formávamos um grupo que tinha um trabalho de corpo e uma proposta de vanguarda para a época. Tivemos a influência do grupo “Secos e Molhados” e em seguida a carreira solo de Ney Matogrosso, um artista que se projetava nas mídias, cantando e dançando maquiado, seminu e mostrava que era possível ir de encontro ao sistema capitalista patriarcal e homofóbico. A sociedade o aplaudia e o reconhecia como uma grande personalidade artística. Muitos artistas se inspiravam em Ney Matogrosso e em suas performances.

Os debates sobre a natureza do gênero, etnicidade e sexualidade que foram começados pelas feministas e ativistas negros e gays nos anos 1960 e 1970 informaram o trabalho da geração mais nova de criadores da dança. Particularmente influenciadoras foram as novas teorias sobre a relação entre formas culturais e a construção de identidade (BURT 1995, 40).

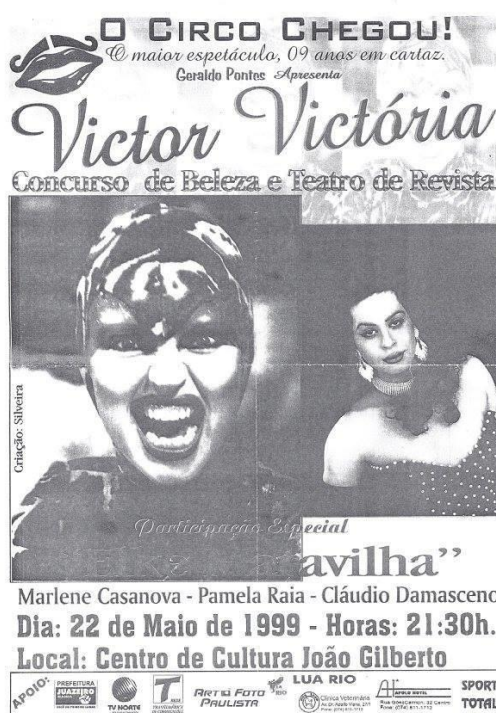
Em 1991, criamos o ‘Concurso de Beleza Victor Victória’, premiando e valorizando o melhor ator transformista do Vale do São Francisco, com representantes de Juazeiro, Petrolina, Sobradinho, Sento Sé e Remanso. Projeto pioneiro no Vale do São Francisco que integra beleza, empoderamento LGBTQIA+ e conclama respeito e o “Não LGBT fobia” na região do Vale do São Francisco. Historicamente há uma evolução desse termo. De acordo com Blakemore (2021), ‘L’ foi a primeira a compor a sigla LGBTQ, representava a inicial da palavra lésbica, associada à poetisa grega da Antiguidade, natural da ilha de Lesbos. Sua obra “Safo” era composta de poemas sobre a paixão entre pessoas do mesmo sexo.

Em 1862, Karl Ulrichs já usava o termo “Urning” para se referir aos homens que se sentiam atraídos por outros homens.[...] “Nós somos o próprio gênero, um terceiro sexo”. Os termos que descrevem as pessoas que são lésbicas, gay, bissexuais, transgênero, querr, intersexuais e assexuais são tão amplos quanto a própria comunidade [...]. O uso mais antigo do termo para descrever o amor entre pessoas do mesmo sexo surgiu na década de 1890, quando foi usado num dicionário inglês de medicina e numa variedade de livros sobre psicologia e sexualidade (BLAKEMORE, 2021, p.1).

Eu como o idealizador desse projeto, concebido em uma época em que ser LGBT no polo Juazeiro e Petrolina, mais do que ser uma orientação sexual, era um ato político. Com

mais de trinta anos em cena, o tradicional concurso trouxe para região as primeiras travestis pioneiras do Brasil, como Rogéria, Jane Di Castro e Valéria. Tivemos outras atrações do cenário nacional: Elke Maravilha, Aloma, Andrea Gasparelli, Isabelita dos Patins, Marlene Casanova, Dymmi Kieer, Marcinha do Corinto e o artista performático, juazeirense Edy Star. Artistas de Salvador como: Bagagherry Spilberg, Dica Rios, Ornela Muth, Lázaro Dumont, Dion.

Figura 8 – Concurso Victor Victoria



Fonte: acervo do autor, 1999

Era preciso descortinar o preconceito e libertar o debate. Abrimos esses espaços para dar visibilidade e oportunidade para que os artistas locais pudessem vestir ou despir seus personagens. A primeira Miss foi o ator Dewilles em 1991 e foram premiados vários artistas, que lutaram em busca de reconhecimento e da realização de sonhos desafiadores, mas possíveis. Articulado ao cenário nacional, o ‘Concurso de Beleza Victor Victória’ trouxe para Juazeiro artistas e travestis pioneiras no Brasil que paraticiparam do Documentário Divinas Divas, produzido pela atriz Leandra Leal: Rogéria, Valéria e Jane Di Castro.

Em 2018, Nicolle Lais encantou o público e os jurados durante sua participação e garantiu a vitória na 20ª edição do Concurso Victor-Victória, um dos concursos de beleza gay mais tradicionais da Bahia. O evento também é o mais importante do gênero no Vale do São Francisco. Tornou-se uma grande revelação de diversos artistas, além de premiar os melhores atores transformistas da região. E o brilho da Miss Victor-Vitória conquistou os jurados desta vez em São Paulo, no concurso de Miss Brasil Trans 2021, em uma noite de muito luxo, brilho e representatividade, coroando a baiana com o título de Miss Brasil Trans 2021.

É inegável o orgulho e a emoção que esses resultados nos trazem. Compreendo que a nossa escola de ballet tem transformado vidas transvestidas e outras vidas, atravessado as barreiras do preconceito e da homofobia e tem mantida viva a chama dos sonhos de muitos gays do Vale do São Francisco.

Fotografia 20 – Miss Trans Brasil



Fonte: acervo do autor, 2021

Outros gêneros e orientações sexuais existem desde o início das humanidades e nossa escola tem dado visibilidade e oportunidades para esses corpos, com reconhecimentos a exemplos de títulos como esse.

Ainda estou emocionado com essas notícias, que para Geraldo Pontes é uma vitória, esse bailarino, professor de ballet, artista, produtor cultural e

fundador da Escola de Ballet Geraldo Pontes nos disse que ‘ ser gay é ter coragem de botar a cara no sol e no interior não é fácil. Salientou do seu orgulho e alegria de saber que uma jovem que saiu do concurso ‘Victor Victória’ em Juazeiro, vence Miss Trans Brasil em São Paulo. No período da Pandemia o evento foi suspenso, mas Gerado Pontes nos diz que provavelmente acontecerá em 2022 e com algumas novidades (COUTINHO, 2021)

Entretanto, o mais importante para nós da escola é a felicidade dessas pessoas, que só será possível a partir da garantia dos direitos, entre esses, o respeito. Com uma tendência à inovação e ao debate acerca das questões que dizem respeito à vida humana e, nessa, às comunidades LGBTQIA+, o projeto da Escola de Ballet Geraldo Pontes, inspirado nas práticas circulares, realizou na 22ª edição de projeto “Victor Victória” com o tema “Juazeiro de todas as Cores, de Todos os Amores. Juazeiro da Diversidade” uma roda de conversa aberta à comunidade e que contou com uma significativa participação da população juazeirense ‘ de todas as cores, etnias e orientações sexuais’. Nessa roda discutimos sobre diversidade, homofobia, políticas públicas de Arte, saúde, cultura e trabalho para essa população que brilha, não desce do salto, dança, mas ainda sofre muita discriminação.

Figura 9 – Concurso Victor Victória



Fonte: acervo do autor, 2022

Nessa edição, Genilson Coutinho, ativista, editor do blog Dois Terços e Coordenador do CPDD-LGBT, a convite da organização do concurso Victor- Vitória, participou de uma roda de conversa com as lideranças sobre o CPDD-LGBT e as pautas LGBTQIAP+ na Bahia. Essa atividade fez parte da programação do Concurso de Victor Vitória que aconteceu no dia 28 de maio de 2022.

Durante 30 anos, esse Concurso de Beleza e Teatro de Revista Victor Vitória premiou o melhor ator transformista do Vale do São Francisco e diversos artistas locais que surgiram desse espetáculo, sob a minha direção. Os candidatos se revezam entre o desfile de fantasia e traje de noite, para conquistar o título de melhor ator transformista do Vale. Os quesitos para a seleção envolvem: beleza plástica, simpatia, elegância e produção. Intercalando o desfile de fantasias e trajes de noite, aconteciam os números artísticos com atrações convidadas.

A dança estava sempre presente nas performances coreografadas e eram feitas por grupos locais convidados, como o Batuk-ajé de Petrolina, Pernambuco, com a orientação do professor Jailson Lima que abrilhantava os eventos do Concurso Victor Vitória e do Ballet Geraldo Pontes nos festivais de fim de ano.

4.4 A LUZ QUE VEM DE ORUN NA TRAJETÓRIA DE UM CORPO QUE DANÇA

Trago aqui uma breve linha do tempo, demonstrando que Escola de Ballet Geraldo Pontes e o corpo bailarino Geraldo Pontes se entrelaçam na tessitura dessa narrativa. Fiz dos meus sonhos possibilidades, porque sei bem da dor e delícia de ser o que se quer ser e às vezes, nem sempre podemos ser. O filho da bordadeira de mãos talentosas enfrentou desafios e cá está a contar sua história, que é também um pouco da história da dança de ballet em Juazeiro- Bahia. Do grupo “Arte e Explosão” para as salas da Universidade Federal da Bahia para cursar em nível superior a Licenciatura em Dança, por volta de 1982 a 1987.

Em 2006, concluí o Curso de Pós-graduação em Psicopedagogia Institucional, pela Universidade Castelo Branco – IESDE. Essa formação veio agregar a atividade de Arte educador, amadurecer esse olhar para novos caminhos na Arte. Por meio da Arte, os saberes são internalizados e/ou produzidos de modo mais significativo e lúdico, porque as Artes possibilitam a percepção do mundo por meio dos sentidos – Arte e educação estética da sensibilidade são indivisíveis. A gente não explica, apenas sente.

Em 2008, com o tema “A dança no processo educativo” escrevo a monografia, apresentada como requisito de conclusão do curso de Graduação em Pedagogia, Docência e Gestão de processos educativos – ênfase em educação e comunicação, realizado no Departamento de Ciências Humanas, Campus III da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Tive como orientadora a professora e Mestra Selma Maria Campos Santos. Neste trabalho, descrevo a Escola de Ballet Geraldo Pontes e a sua contribuição no cenário, artístico, educativo e social em Juazeiro, Bahia.

Em 2014 foi lançada a Revista de Ballet, um periódico em comemoração aos 35 anos da escola de dança na região pelo serviço prestado a comunidade, através da Arte da dança educando crianças e adolescentes, por meio de projetos sociais. A Revista de Ballet conta com depoimentos de parceiros e personalidades no mundo artístico, relacionadas com a escola de dança e imagens registradas e documentadas nesta trajetória do universo da dança. Publicamos com o objetivo de deixar um arquivo com a memória da escola. Foi uma tiragem de mil exemplares, pela CLASS comunicação & marketing, com o apoio do amigo Carlos Laerte, que foram distribuídas gratuitamente no Festival de Ballet em 2014 e em espaços culturais e educativos na região.

Em 2016, assumi a função de tutor de estágio supervisionado no curso de Licenciatura em dança na modalidade de Educação a Distância – EAD. Essa foi uma conquista para a região, dando oportunidade na formação e capacitação de jovens dançarinos e dançarinas interessados/interessadas em fortalecer a sua formação acadêmica. Em 2018, conclui a Pós-graduação em Dança Educacional e Artes Cênicas, pela Faculdade de Ciências, Educação, Saúde, Pesquisa e Gestão- CENSUPEG. Essa formação foi ofertada pelo Serviço Social e Comércio de Petrolina – Pernambuco. Os encontros eram sempre enriquecedores, com os professores/as professoras e artistas locais, argumentando, construindo saberes sobre o corpo e a dança.

Em 2018, mais um aprendizado significativo. Aprender não somente aquilo que outras pessoas te ensinam, mas também aprender a partir de suas vivências. Apreendi muito, especialmente no campo das emoções de afetividades, quando a Escola de Ballet Geraldo Pontes foi homenageada no Carnaval de Juazeiro - Bahia pela escola de samba Cacumbu, por sua contribuição à Arte e cultura na região como artista e carnavalesco; neste ano eu desfilei com a fantasia O Anjo Azul, premiada em primeiro lugar no Baile Municipal de Petrolina e

segundo lugar no Concurso Nacional de Fantasias, promovido pelo Grupo Gay da Bahia – GGB, em Salvador.

Fui destaque da escola de samba Cacumbu durante a década de 80. Ganhei vários prêmios na categoria luxo em concursos de fantasias na região e em Salvador. Apresento aqui o samba da Cacumbu, que tem como compositores Tania Moraes e Carlos Dias.

Uma noite linda cheia de esplendor
 Chega à avenida, a escola mais querida que o samba consagrou
 E as moreninhas com seu vai e vem
 É Geraldo Pontes chegando e o povo se encantando com suas fantasias
 Uma noite linda cheia de esplendor
 Chega na avenida a escola mais querida que o samba consagrou/
 E as moreninhas com seu vai e vem
 É a Cacumbu chegando e o povo se esquentando ao som da bateria
 (MORAES & DIAS, 2018).

Além da minha atividade de professor de dança, sou carnavalesco e esse caminho me traz alegrias e satisfação, como a Moção de Aplausos que recebi da Câmara de Vereadores de Juazeiro, um trabalho reconhecido pelo Poder Legislativo. Desse modo, entre *pliês* e quedas ao solo, percorri alguns palcos nessa minha trajetória: da escola de dança, aos pátios e salas da Educação Básica em Juazeiro; dos palcos do Cine Teatro São Francisco, passando pela Universidade Campinas em São Paulo. Rodopiando entre plumas, brilhos e ‘fechação’ o bailarino e carnavalesco, celebrou o ano 2022 em terras paulistas como Destaque do 4º Carro da Escola de Samba Águia de Ouro, em São Paulo: “A luz que vem de Orun traz a paz de Oxalá.

Fotografia 21 – A Luz que vem de Orum traz a Paz de Oxalá



Fonte: acervo do autor, 2022

Aqui, peço licença a quem está lendo narrativa autobiográfica, para eu inserir um pouco da minha história contada por meio de um pequeno artigo.

Fotografia 22 – Geraldo Pontes, professor de dança



Fonte: acervo do autor, 2020

Vou contextualizar para aguçar o desejo de leitura sobre o maior espetáculo popular democrático e expressivo de dança que acontece em Juazeiro, sob o céu do semiárido e contido pelas águas do Rio São Francisco, pois a orla fluvial se transforma em um belo cenário natural: o Pré-Carnaval.

“ A cidade de Juazeiro tem sido um dos destinos turísticos mais cobiçados na época dessa festa brasileira que antecede o Carnaval oficial, por promover uma festa bastante peculiar: o Pré- Carnaval Juazeirense. Essa festa é fincada em suas raízes e valoriza a história da cidade e de seus personagens mais populares, quer seja na execução de suas marchinhas, quer seja na caracterização dos carnavais de antigamente.

Neste contexto, temos o privilégio de contar a história do professor e carnavalesco Geraldo Pontes ao longo de suas atividades produtivas em prol da cultura. Ao longo de cem anos, o nosso carnaval mostra fatos que apresentam a evolução da folia momesca da cidade, além de causos, depoimentos, da história viva contada por gente que fez e faz o Carnaval. E nós sempre estivemos presentes nessa confraria carnavalesca, nas ruas, nas escolas de samba que percorriam a cidade, com destaque para orla e Ruas da Apolo e da 28 de Setembro e nos clubes, travestidos e encantando com nossas plumas e paetês; com nosso rosto pintado, nossas sapatilhas e, às vezes, nossa meia ‘arrastão’.

O artista Geraldo Pontes, nasceu em 1962 em Juazeiro/Ba, filho de Washington Pontes e Maria Almira Correia Pontes, desde cedo ingressou no mundo das artes. Licenciado em Dança pela UFBA e Pedagogia pela UNEB, com especialização em Psicopedagogia; mantém a sua escola de Ballet Geraldo Pontes há 35 anos educando crianças e adolescentes, através da dança. Fundador da Escola de Ballet Geraldo Pontes com crianças a partir de 14 anos, produziu o Festival de ballet no Cine Teatro São Francisco em Juazeiro, na década de 80. Participou da celebração de 25 anos da APAE de Juazeiro, numa festa onde a emoção esteve presente entre todos que prestigiam essa entidade! Hoje com ex- alunos formados em dança pela UFBA mantém a escola há 15 anos desenvolvendo um trabalho de inclusão social na região, de uma forma totalmente voluntária, sempre com um olhar especial, tentando atender as necessidades de uma educação corporal, incentivando alunos especiais; assim como abre espaços para que os mesmos participem dos festivais de ballet da escola. Hoje faz parte da Diretoria da Apae de Juazeiro, como Relações Públicas e Sociais; no qual só fortalece o compromisso com a causa e com esse espaço, que foi criado na gestão do Prefeito Jorge Khoury, tendo o apoio de D. Lea Khoury, atendendo as crianças da Fundação Lar Feliz, APAE de Juazeiro e CRAS da Malhada da Areia. Em 2012, foi contemplado pelo edital Mais Cultura da Fundação Cultural do estado da Bahia com o projeto de Ballet " Volta ao Mundo" atendendo cerca de 100 crianças.

O carnavalesco Geraldo Pontes tem as suas fantasias premiadas pelo Nordeste, desfilando sempre na categoria luxo. Começou a desfilar no carnaval em 1978, centenário da cidade de Juazeiro pela Escola de Samba

Cacumbú, e durante muito tempo foi destaque na mesma Escola de Samba além de desfilar ainda no Bloco Carnavalesco *Recordar é viver*. Além de manter a sua escola de ballet e o atelier de Fantasias & Acessórios, ministra aulas no curso de Educação Física, Pedagogia e Artes da IES, Uniesb, Isebes e Plataforma Freire- Universidade do Estado da Bahia.

Trabalha com fantasias desde 1978, Geraldo participou ativamente, desde o primeiro Baile municipal de Petrolina; sempre concorrendo na categoria Luxo, obtendo premiações destacadas com suas fantasias exuberantes e fantásticas, utilizou diversos materiais, desde paêtes, strass, espelhos, plumas, faisão, penas de pavão, rabos de galo e pedrarias... Geraldo ganhou prêmios com fantasias produzidas por ele como: Tributo a Carmem Miranda – 1º lugar baile Municipal de Petrolina , no primeiro ano do baile!, O Canto do Cisne Negro – 2º lugar Baile Municipal de Petrolina 2009, A Ópera de Peguim - 1º lugar luxo, Baile Municipal de Petrolina 2009, Bal Másqué – 2º lugar Baile Municipal de Petrolina 2006, Malévola a Bruxa do Mal – 1º lugar Baile Municipal de Petrolina 1996, Tributo a Vaidade - Baile Municipal de Petrolina 2006, Tributo a Picasso – Baile Municipal de Petrolina 1992, o Pássaro de Fogo - homenagem ao compositor Strawinsky - Baile Municipal de Petrolina 2007. A Pequena Notável – 2º lugar Baile Municipal de Petrolina 1996, a era de Aquarius – 1º lugar Baile Municipal de Petrolina 2010.

Tendo a preocupação que vai além da fantasia como produto, que é a apresentação da mesma, sempre com temas diversificados e trilha sonora para criar o clima, para a exibição da mesma. Foi o precursor do Baile Municipal de Petrolina, que hoje conta com a participação de artistas de outras gerações, isso prova o crescimento da festa, na descoberta de novos talentos e futuros carnavalescos! Diz que “é preciso manter na ativa o Baile Municipal de Petrolina, ele tem uma grande importância para região. É um espaço que nós carnavalescos temos a oportunidade de exibir nossos trabalhos confeccionados durante o ano todo”. Este ano, após ter o seu trabalho reconhecido pela sua participação nos carnavais de Juazeiro, foi convidado e receberá a homenagem da Coordenação do Carnaval de Juazeiro em comemoração dos 100 anos do carnaval de Juazeiro.

Por: Valterlino Pimentel (Pinguim, 2021)

Tags: ARTIGO: Geraldo pontes o brilho em fantasias

Sonhar sonhos impossíveis não é o perfil do criador da Escola de Ballet Geraldo Pontes, que atravessando preconceitos e estigmas, se autoafirmou como reconhecido bailarino, coreógrafo e professor de dança que trouxe o Ballet clássico ao semiárido baiano como um direito das pessoas, independente da orientação sexual, classe e etnia, ao acesso a esse bem cultural tão importante para o desenvolvimento humano no campo das interações sociais e das emoções de afetividades. Arte liberta, logo, dançar é também uma manifestação artística e política! Que a história fale de nós!

CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS CORTINAS SE FECHAM, MAS AS LUZES PODEM SE ACENDER A QUALQUER INSTANTE-ESPETÁCULO

O resultado dessa pesquisa é o registro da memória da Escola de Ballet Geraldo Pontes, situada na cidade de Juazeiro na Bahia, semiárido baiano, construindo sonhos e histórias por meio de corpos dançantes por mais de quatro décadas. Esse espaço insubmisso quebrou diversos preconceitos e paradigmas desde a década de 70, quando deu visibilidade a um homem dançando nesse universo predominante feminino, popularizou o Ballet clássico e outras danças, Arte considerada elitizada, contribuiu com formação de plateia e gosto pela dança. O registro de uma escola que abriu espaços aperfeiçoando e se aprimorando com estudos acadêmicos em nível superior de Artes e Pedagogia e mantém-se viva com resistência e resiliência na cidade de Juazeiro, Bahia, influenciando a cultura no semiárido, pois temos laços importantes com a cidade de Petrolina.

A Escola de Ballet Geraldo Pontes mostra com nitidez, há mais de 40 anos de atividade e resistência, o seu compromisso na formação de dançarinos/cidadãos e dançarinas cidadãs, atuando nos campos educacional, artístico, cultural e político em Juazeiro, Bahia e no Vale do São Francisco, através de processos criativos e educativos, voltados à realidade local e global. Essa autobiografia me fez perceber que é necessário fortalecer a identidade local, a sua história e raízes.

Desse modo, conhecendo a nossa cultura, temos condições de nos posicionarmos em relação às demais culturas, promovendo a autoestima e a identidade. Esse movimento acontece de dentro para fora, quando nos apropriamos, desconstruímos e reconstruímos conceitos e atitudes. Entender essas mudanças é compreender nas transformações do ser humano, suas relações e produção da vida diante a realidade cotidiana. Saber se posicionar, ser crítico e participante por meio de diálogos que envolvem a comunicação, interação e educação.

Viver é estabelecer relações de poder que estão ligadas as experiências e vivências, na construção de uma realidade na contemporaneidade. A educação se constrói nos diálogos com outras áreas do conhecimento, com referências local e global. Nos finais dos anos 70 e início dos anos 80 era comum escutar das pessoas a necessidade do jovem e professor de ballet Geraldo Pontes ir aos grandes centros para construir uma carreira promissora, mostrando as

dificuldades para formação profissional na época. Hoje a realidade é diferente e nossa escola é um espaço democrático que contribui com a formação de profissionais que querem dançar.

Dançar e ser artista requerem conhecimentos. Descobri muitos saberes por meio dos estudos e aperfeiçoamentos da técnica do Ballet clássico, que foram adquiridos quando tive a oportunidade de fazer aulas na Escola de Ballet Odete Mota Raia (mãe da atriz e bailarina Claudia Raia) em Campinas-SP e a por meio da qualificação e capacitação em Licenciatura em Dança na UFBA, nos anos 80. Aprendi, inclusive, que a dança-cênica profissional era proibida às mulheres e era realizada por homens travestidos.

Voltar a minha cidade, Juazeiro-Bahia foi uma opção e decisão acertada para dar continuidade ao meu trabalho, iniciado na região com a dança. O que pesou nessa decisão foi o amor à família, especialmente a minha bordadeira querida: minha mãe Almira Pontes e a minha cidade, considerada e conhecida como o berço da cultura, onde eu tinha semeado a Arte da dança com a escola, acalentando o sonho de muitos/muitas jovens a dar continuidade aos seus estudos de dança e, especialmente, aos corpos travestidos que tinham na escola um espaço de acolhimento, liberdade, visibilidade e inclusão social e afetiva.

A escola de Ballet Geraldo Pontes sempre teve um compromisso com o social, popularizando a dança clássica para outras regiões, quebrando paradigmas, desconstruindo o discurso do Ballet clássico como Arte elitizada, levamos o ballet até camadas populares através de projetos sociais desenvolvidos em prol desse bem cultural ser acessível a todos, todas e todes. A formação de plateia, o gosto pela Arte e o fazer artístico incentivaram e estimularam gerações e antes, o que era um sonho muito distante, tornou-se a uma realidade bem próxima. A Escola de Ballet Geraldo tem mostrado isso.

Além da Arte, a cultura e a educação estão ligadas a esse projeto pedagógico da escola de dança, sendo um compromisso na formação do ser humano através dos aspectos cognitivo, psicomotor e afetivo. Esses campos da Arte, cultura e educação se completam e interseccionam com outros campos político, ideológico, criativo, especialmente, quando se posicionam através das metas na desconstrução de que ballet é coisa de menina, de que a dança clássica pertence a uma elite, quando se esquecem as velhas receitas de bolo e busca novos caminhos, movimentos, sabores e cores, quando os sonhos são compartilhados!

REFERÊNCIAS

ARTE É FATO - YouTube Disponível em:

file:///C:/Users/gelpo/Desktop/QUALIFICA%C3%87%C3%83O%20MESTRADO/Pesquisa%20(auto)biogr%C3%A1fica2.pdf.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal* Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1952-1953].

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 1995 [1929]

BAZZOTTI, Cecília. História da dança. Disponível em:

<http://ceciliabazzottihistoriadanca.blogspot.com/2012/05/danca-na-idade-media-e-contexto.html> Acesso em: abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. v.3. Brasília, DF. 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Educação física Brasília: MEC/ SEF, 1997.

BRASIL. **LDB** Nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Constituição Federal Brasileira**. 1988.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Fundamental: Artes**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Estatuto da criança e do Adolescente**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BANOV, Luiza Romani **Teatral: origem e percepção**. Disponível em: .

<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/3549/3707>. Acesso em: maio 2022.

BARRETO, Debora. **Dança: Ensino, sentidos e possibilidades na escola**. 3. ed. Campinas – São Paulo: Autores Associados, 2008.

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Trad. Isabel de Lorenzo. 2ª ed. São Paulo: Objetivo, 2000.

DELORY-MOMBERGER, C. **Abordagem metodológica na pesquisa biográfica**. Revista Brasileira de Educação, v. 17, n. 51, 523-740, set./dez. 2012.

GONÇALVES, M.A.S. A Educação e a Educação Física. In:(Org.). **Sentir, Pensar, Agir corporeidade e educação**. 15ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.

FARO, A.J. **Pequena história da dança**. Rio de Janeiro :J.Zahar,1986.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.) O método (auto)biográfico e a formação. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 17-34.

FISCHER, E. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editoraes. 1981.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder** Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. Ed., São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FUX, M. **Dança, experiência de vida**. São Paulo: Summus Editora. 1983.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal no campo das artes**. São Paulo: Cortez, 2015.

GONÇALVES, M.A.S. A Educação e a Educação Física. In:(Org.). **Sentir, Pensar, Agir corporeidade e educação**. 15ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.

JOSSO, Marie Cristine. **O Corpo Biográfico: corpo falado e corpo que fala**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/rXZF6DgbGRsjFDTvDFCD5YR/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: abr. 2022.

KURT JOOSS. O criador do conceito da Dança-Teatro. 2- PINA BAUSCH – o principal expoente da Dança-Teatro. 3- RUDOLF VAN LABAN – o “pai” da Dança-Teatro.

LABAN, Rudolf. **Dança Educativa Moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

LACERDA, CLAUDIO, **Representações de masculinidade na dança e no esporte: um olhar sobre Ninjinsky e Jeux**. Recife 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para que?** São Paulo, Cortez 2010.

MARQUES, I.A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

MARQUES, I.A. **Linguagem da Dança: arte e ensino**. São Paulo, 2010.

MERLEAU-PONTY, M. (2011). Le monde sensible et le monde de l'expression: Cours au Collège de France, notes, 1953 Genève: Metispresses.

NANNI, Dionísia. **Dança educação, princípios métodos e técnicas**. 2.ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

_____. **Dança Educação: Pré-escola à universidade**. 4. ed. Rio de Janeiro : Sprint, 2003.

PASSEGI, M. C. A Pesquisa (auto)biográfica: por uma hermenêutica descolonizadora. In: Coisas de Gênero – Revista de Estudos Feministas em Teologia e Religião. São Leopoldo. V.2 N.2. pp 302-314, 2016.

PEREIRA, S. R. C. et al., **Dança na escola: desenvolvendo a emoção e o pensamento**. Revista Kinesis, Porto Alegre, n. 25, p.60- 61, 2001.

PEREIRA, V. A. O lugar da arte no espaço cotidiano da convivência com o semiárido. In: **Educação para convivência com o semiárido: reflexões teóricas e práticas**. 2 ed. Juazeiro: Resab, 2006.

PERFIL TERRITORIAL DO SÃO FRANCISCO. Disponível em: http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_143_Sert%C3%83%C2%A3o%20do%20S%C3%83%C2%A3o%20Francisco%20-%20BA.pdf Acesso em: fev. 2022

PORTINARI, M. **História da dança**. Rio de Janeiro, RJ : Nova Fronteira, 1989.

PONTES, Geraldo. Revista ballet geraldo pontes 35 anos by leonilton10 - issuu Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/14207>. Acesso em: jan 2022.

<http://www.doistercos.com.br/miss-victor-vitoria-vence-miss-brasil-trans-2021-em-sao-paulo/>

RENGEL, L. LANGEDOCK, R. V. **Pequena viagem pelo mundo da dança**. São Paulo: Moderna, 2006.

SCHECHNER, Richard. Ensaios de Richard Schechner. In: **Performance e Antropologia de Richard Schechner**. Richard Schechner; seleção de ensaios (Orgs) Zeca Ligeiro. Rio de Janeiro: MAUAD, 2012.

STRAZZACAPPA, M. MORANDI, C. **Entre a arte e a docência**: a formação do artista da dança. Campinas: Papirus, 2006.

STRAZZACAPPA, Márcia. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola**. Cadernos CEDES. Campinas, v.21 n.53, abr. 2001.

VERDERI, E.B.L.P. **Dança na escola**. Rio de Janeiro, RJ: Sprint, 1998.

VIEIRA, Marcilio de Souza. Um olhar sobre os parâmetros curriculares nacionais de arte: visões, expectativas e diálogos. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 26, n. 12, p. 185-197, maio/ago, 2006.

ANEXO A – AULA

1 - Alongamento



Fonte: acervo do autor, 2008

2 – Exercícios de centro



Fonte: acervo do autor, 2008

ANEXO B – ESPETÁCULOS

1 – Coreografia Espanhola



2 – Dança Camponesa



Fonte: acervo do autor, 2008

ANEXOS C – INFÂNCIAS**2 – Bruxinhas, expressões faciais**

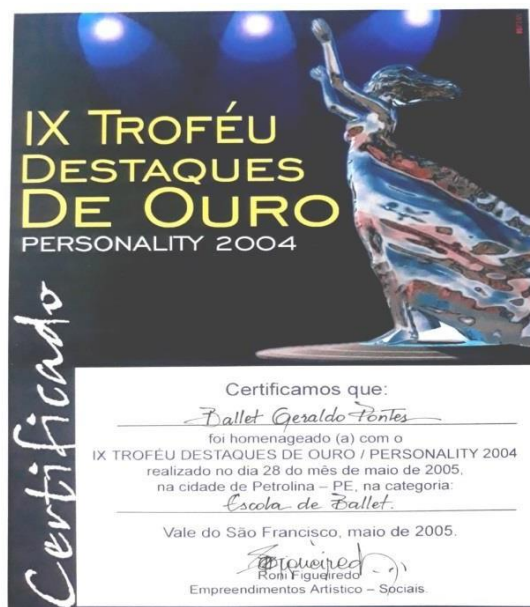
Fonte: acervo do autor, 2008

3 – Abertura Grand Ecart

Fonte: acervo do autor, 2008

ANEXOS D – RECONHECIMENTO

1 - Homenagem



Fonte: acervo do autor, 2005

2 – Escola de Ballet Geraldo Pontes



Fonte: acervo do autor, 2005

ANEXO E – DANÇANDO NA PRAÇA, AGRADECIMENTOS À ESCOLA

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUAZEIRO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

OF. CIRCULAR Nº 01/91

Em 18 de novembro de 1991

Da: Coordenação de Cultura - SEC

A: *Academia Geraldo Pontes*.....

Assunto: agradecimento (faz)

Ilmo. (a) Sr.(a) *Geraldo Pontes*

É-nos bastante grato expressar a V.Sa. o nosso agradecimento sincero, por passu aos nossos aplausos, pela bonita e inesquecível performance da sua academia, na programação da Semana da Cultura 1991 - Promoção da SEC e FECEJ - no momento Dançando na Praça.

Esperando contar sempre com sua participação nos nossos eventos, aqui também nos colocamos ao seu inteiro dispor.

Com gratidão, atenciosamente Subscrevamo-nos.

Odmaria Bandeira
Secretária de Educação e Cultura

Odmaria Bandeira

Wagner Aguiar

**ANEXO F – QUADRO: MOMENTOS DE FORMAÇÃO E ARTES ESCOLA DE BALLET
GERALDO PONTES**

DATA	HOR.	ESPETÁCULO	LOCAL
30/06/78	20:00h	Juá Show	Cine Teatro
01/07/78	15:00h	Grupo Arte e Explosão	São Francisco
19/05/79	16:00	Festival de dança	Cine Teatro
		Ribalta Corpo de Baile	São Francisco
1979	Criada a Escola de dança Nureyev homenagem ao dançarino Russo		
12/01/80	16:00h	Festival de dança Clássica e Moderna	Cine Teatro
			São Francisco
22/8/80	20:30h	A Morte do Cisne	Cine Teatro
23/8/80	16:00h		São Francisco
19/12/80	20:30h	O Espectro da Rosa	Cine Teatro
20/12/80	16:30h		São Francisco
23/05/81	20:30	Amostra de Ballet Contemporâneo	Cine Teatro
		Academia de Arte Contemporânea	São Francisco
1982	25 anos de sacerdócio do Padre José Luna – Curaçá/BA		
1982	Aulas com Alfredo Caruso- professor titular do Teatro Colon- Argentina		
1982	Aluno da Escola de Ballet Odete Mota Raia – Campinas São Paulo –SP		
1982	Aulas com Alfredo Caruso, Adody, Ador Claudio Rosa, Neeide Rosse, ballet loine, Penteado		
1983 á 1987	Licenciatura em Dança – Universidade Federal da Bahia		

02/06/88	21:00h	Amostra de Ballet clássico	Centro de Cultura
03/06/88		Boleio e a dança dos Cisnes	João Gilberto
		Ballet Geraldo Pontes	
10/12/89	16:00	Nos Passos da Dança	Centro de Cultura
	21:00h		João Gilberto
11/11/90	21:00h	Cinderela	Centro de Cultura
12/11/90			João Gilberto
22/11/91	21:00h	Ares Ciganos	Centro de Cultura
23/11/91			João Gilberto e
			Teatro do
			Sesc Petrolina.
1992		Filial do Ballet Geraldo Pontes	Sobradinho/BA.
27/11/93	21:00h	Dançar a vida 2003	Centro de Cultura
28/11/93			João Gilberto
29/11/93	17:00h		Teatro do Sesc
			Petrolina
9/12/94	21:30h	O Quebra Nozes Thaïkovsky	Centro de Cultura João Gilberto
10/12/94			
8/12/95	20:00h	Giselle – Adolph Adam	Centro de Cultura
9/12/95			João Gilberto

07/12/96	21:30h	Volta ao Mundo – dança de Carácter	Centro de Cultura João Gilberto
06/12/97 08/12/97	21:30h	A Noite do Ballet	Centro de Cultura João Gilberto
12/12/98	20:30h	As Quatro Estações –VIVALDI	Centro de Cultura João Gilberto
03/12/99 04/12/99 05/12/99	21:00h	Sapatilhas de Cristal	Centro de Cultura João Gilberto
09/12/00 10/12/00	20:30h	Dançar a Vida	Centro de Cultura João Gilberto
08/12/ 09/12/	21:00h	Na Magia do Palco	Centro de Cultura João Gilberto
07/12/02 08/12/02	21:00h	Hoje tem Espetáculo	Centro de Cultura João Gilberto
06/12/03 07/12/03	21:00h	Chorus line	Centro de Cultura João Gilberto
04/12/04 05/12/04	21:00h	Encontros, Desencontros e Reencontros	Centro de Cultura João Gilberto
03/12/05 04/12/05	21:00h	Sem Palavras	Centro de Cultura João Gilberto
03/12/06 04/12/06	20:00h	A Floresta Encantada	Centro de Cultura João Gilberto
07/12/07 08/12/07	20:30h	Nos Passos da Dança	Centro de Cultura João Gilberto

16/08/08	20:00h	Acerte o Passo no Compasso	Centro de Cultura
17/08/08		(Anexo 1 e 2)	João Gilberto

06/11/09	20:00h	Sapatilhas de Cristal	Centro de Cultura
			João Gilberto
08/12/10	20:00h	O Quebra Nozes	Centro de Cultura
			João Gilberto
10/12/11	20:00h	Volta ao Mundo	Centro de Cultura
11/12/11			João Gilberto
08/12/12	20:00h	Projeto Volta ao Mundo	Centro de Cultura
09/12/12			João Gilberto
10/12/13	20:00h	Nos Passos da Dança	Centro de Cultura
			João Gilberto
13/12/14	20:00h	Revista Ballet Geraldo Pontes	Centro de Cultura
14/12/14		35 anos, compartilhando sonhos.	João Gilberto
11/12/15	20:00h	Acerte o Passo no Compasso	Centro de Cultura
			João Gilberto
11/12/16	20:00h	O Guarani	Centro de Cultura
			João Gilberto
03/12/17	20:00h	A Noite da Dança	Centro de Cultura
			João Gilberto
08/12/18	20:00h	O Natal de Clara	Centro de Cultura
			João Gilberto

Fonte: acervo do autor, 1981

ANEXO G – PAULO AUTRAN EM JUAZEIRO, 1978: INSPIRAÇÃO PARA JUVENTUDES

Fonte: acervo do autor, 1981

ANEXO H – A ARTE NÃO É SÓ TALENTO, É UM ATO DE CORAGEM!



Fonte: acervo do autor, 2022